



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**DANGE PEREIRA BELARMINO**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUA INFLUÊNCIA SOCIAL NA SALA  
DE AULA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Catolé do Rocha - PB

2024

**DANGE PEREIRA BELARMINO**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUA INFLUÊNCIA SOCIAL NA SALA  
DE AULA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.  
Orientadora: Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier

Catolé do Rocha - PB

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B426v Belarmino, Dange Pereira.

A variação linguística e sua influência social na sala de aula do 6º ano do ensino fundamental II [manuscrito] / Dange Pereira Belarmino. - 2024.

57 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Variação linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Educação inclusiva. I. Título

21. ed. CDD 410

DANGE PEREIRA BELARMINO

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUA INFLUÊNCIA SOCIAL NA SALA  
DE AULA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II.**

Aprovada em: 14/11/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Keila Lairiny Câmara Xavier.

Prof. Me. Keila Lairiny Câmara Xavier  
(Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jeferson Silva da Cruz.

Prof. Me. Jeferson Silva da Cruz  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Cionny Cecilia de Abrantes P. e Almeida

Profª. Dra. Cionny Cecilia de Abrantes Pontes e Almeida  
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

As pessoas incríveis que sempre me apoiara na minha trajetória, meus pais, José Belarmino e Francisca Pereira da Silva Belarmino, os quais com muito esforço e sabedoria sempre se dedicou em apoiar, minha jornada acadêmica. As minhas filhas Debora Juliana e Diana Jiovana, pelo carinho e compreensão e por estar sempre apoiando os meus projetos de vida. Em especial minhas avós, Francisca e Tereza, que mesmo não estando mais aqui presentes, mas estarão vivas em meus pensamentos. A essas pessoas incríveis, que fazem parte da minha trajetória. E que deixaram grandes marcas, presto minha veneração.

**Dedicoico.**

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento de empenho e estudo, expresso profunda gratidão a Deus, cuja presença tem sido a luz que guia meus passos, oferecendo-me força, resiliência e determinação para enfrentar os desafios inerentes ao percurso da educação e ao crescimento pessoal. Agradeço, ainda, a todos aqueles que, de maneira direta ou indireta, atuaram como protagonistas em minha formação, contribuindo significativamente para o fortalecimento das bases teóricas e práticas que sustentam esta pesquisa. Seu apoio inestimável e suas contribuições, permeadas por generosidade e sabedoria, foram essenciais para a amplificação dos resultados alcançados e para a continuidade de meu desenvolvimento acadêmico.

Aos meus pais, José Belarmino e Francisca Pereira da Silva Belarmino, expresso minha profunda gratidão. Seu pleno amor, apoio resistente e os incontáveis sacrifícios que fizeram em prol da minha educação são inestimáveis. Sem a base sólida que me proporcionaram, não teria chegado tão longe. A minhas filhas, Diana Jiovana de Azevedo Pereira e Debora Juliana de Azevedo Pereira, meu profundo agradecimento por sempre estarem compreendendo e me apoiando em tudo. As minhas irmãs e meu irmão, Simaria Pereira Belarmino e Maria José Pereira Belarmino Barbosa, José Pedro Pereira Belarmino, merece um agradecimento especial por estarem me incentivando e estimulando. Minhas sobrinhas Hellen Shauany e Hemilly Sofia, ao meu esposo Jisuino Ferreira de Azevedo que sempre expressa seu apoio e dedicação. A meus cunhados José Helvio e Leandro, minha sogra que é como se fosse minha segunda mãe.

A minha orientadora, Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier, que efetuou um papel essencial na minha trajetória acadêmica. Sua considerável colaboração, aplicação incansável e inspiração permanente foram essenciais para a evolução desta pesquisa. Aos outros professores do curso de Letras português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, campus IV, demonstro minha gratidão. Agradeço por partilharem seus múltiplos conhecimentos e vivências, que delinearão a minha formação acadêmica e proporcionaram valiosos conceitos para a pesquisa.

Expresso minha profunda gratidão ao Prof. Me. Jeferson Silva Cruz e à Profa. Dra. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida por gentilmente aceitarem o convite para compor a banca avaliadora de minha defesa de TCC. A presença de ambos, com sua vasta experiência e conhecimento acadêmico, enriqueceu imensamente o processo avaliativo, proporcionando valiosas contribuições que não apenas fortaleceram a qualidade da pesquisa, mas também expandiram minha compreensão crítica sobre o tema. Agradeço, ainda, pelo tempo e dedicação

dispensados a esta avaliação, ciente de que seus apontamentos e orientações representarão um impacto duradouro em minha trajetória acadêmica e profissional.

Dedico este trabalho, em especial, a Fabiana de Sousa Soares, cuja presença foi inestimável ao longo de toda a minha jornada acadêmica. Seu carinho constante, apoio incansável e auxílio generoso em cada etapa deste percurso foram fundamentais para que este momento se concretizasse. A dedicação e a confiança que sempre depositou em meu potencial tornaram-se fonte de inspiração e motivação para vencer os desafios inerentes à formação acadêmica. Em reconhecimento à sua solidariedade e parceria inabalável, esta conquista é também dela, uma expressão do impacto profundo e transformador de sua amizade e colaboração.

Além disso, expresso minha profunda gratidão, a Maria de Fátima Azevedo, cuja presença constante e generosa tornou esta jornada acadêmica ainda mais significativa. A disposição de estar ao meu lado diariamente, enfrentando comigo cada etapa do caminho, foi uma fonte inestimável de motivação e conforto. A amizade sincera e o companheirismo que compartilhamos ao longo dos estudos e na realização dos trabalhos acadêmicos foram essenciais para que eu chegasse a este momento com confiança e entusiasmo. Juntas, celebramos não apenas a conclusão de um curso, mas também o fortalecimento de uma parceria que levo para além das paredes da escola, com grande apreço e admiração.

Por fim, agradeço aos meus colegas de percurso, Aline Gicelle de Oliveira Gomes, Ana Clara Dantas Santiago, Andreia Vieira dos Santos Gomes, Danuzia de Freitas Belarmino, Joseilton Dias do Nascimento, Mariana Pereira da Silva, Noalisson Manoel de Sousa, Amanda Gomes dos Santos e Maria Pereira Agrela, expresso minha sincera gratidão. A amizade que cultivamos ao longo deste desafiador trajeto, marcada pela cooperação mútua e pela colaboração constante, foi essencial para o fortalecimento de todos nós e contribuiu significativamente para o êxito desta jornada acadêmica.

*“Falar diferente não é falar errado”*

*(Marcos Bagno).*



## **A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUA INFLUÊNCIA SOCIAL NA SALA DE AULA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

### **RESUMO:**

A pesquisa investiga, as variações linguísticas no português padrão e suas implicações sociais, com foco no 6º Ano do Ensino Fundamental II. Nesse sentido, a sociolinguística permite compreender as interações entre língua e sociedade, revelando como fatores como classe, gênero e localização geográfica influenciam o uso da linguagem. Ademais, o estudo busca desconstruir estereótipos que alimentam preconceitos, defendendo uma educação que valorize a diversidade linguística. Para isso, examina formas de variação, como diatópica, diastrática, diafásica e diacrônica, evidenciando, assim, a complexidade cultural do Brasil e a pluralidade de expressões linguísticas que refletem sua vasta extensão territorial e a herança de diferentes grupos étnicos. Além disso, a pesquisa destaca a necessidade de um ambiente educacional inclusivo, que respeite as particularidades culturais dos alunos, ao mesmo tempo em que critica os preconceitos linguísticos nas instituições de ensino, onde a gramática normativa muitas vezes é priorizada em detrimento de outras formas de expressão. Assim, a abordagem ética das variações linguísticas é discutida, enfatizando suas consequências sociais e culturais. O trabalho, portanto, propõe alternativas pedagógicas que reconheçam diversas formas de comunicação como legítimas representações de culturas. Fundamentada em autores como Antunes (2003), Bagno (2007) Bagno (2020), Bortoni (2005), Brasi (1998), Carneira (2006), Fiorin (1998), Fiorin (2010), Geraldi (2002), Gil (2010), Ilari (2009), Koch (2015), Mattos (2016), Milani (2016), Pau Teyssier (1982), Possenti (2009), Ramos (2008), Ramos (2011), Rodrigues (2022), Samu (2015), Shortall (2016) e Saussure (2006). a metodologia tem caráter bibliográfico e qualitativo, inclui análise observacional das práticas pedagógicas; as considerações finais, por sua vez, reafirmam a importância de valorizar a diversidade linguística no contexto educacional, promovendo um ensino que respeite as singularidades de cada grupo.

**Palavras-Chave:** Variações Linguísticas; Preconceito Linguístico; Educação Inclusiva.

## **LINGUISTIC VARIATION AND ITS SOCIAL INFLUENCE IN THE 6TH YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION II CLASSROOM**

### **ABSTRACT:**

This research investigates linguistic variations in Standard Portuguese and their social implications, focusing on the 6th Grade of Elementary School II. In this sense, sociolinguistics allows for an understanding of the interactions between language and society, revealing how factors such as class, gender, and geographical location influence language use. Furthermore, the study seeks to deconstruct stereotypes that fuel prejudices, advocating for an education that values linguistic diversity. To achieve this, it examines forms of variation such as diatopic, diastratic, diachronic, and diaphasic variation, thereby highlighting Brazil's cultural complexity and the plurality of linguistic expressions that reflect its vast territorial extent and the heritage of different ethnic groups. Additionally, the research emphasizes the need for an inclusive educational environment that respects students' cultural particularities while critiquing linguistic prejudices in educational institutions, where normative grammar is often prioritized over other forms of expression. Thus, the ethical approach to linguistic variations is discussed, emphasizing their social and cultural consequences. The work proposes pedagogical alternatives that recognize diverse forms of communication as legitimate representations of cultures. Grounded in authors such as Antunes (2003), Bagno (2007; 2020), Bortoni (2005), Brasi (1998), Cardeira (2006), Fiorin (1998; 2010), Geraldi (2002), Gil (2010), Ilari (2009), Koch (2015), Mattos (2016), Milani (2016), Pau Teyssier (1982), Possenti (2009), Ramos (2008; 2011), Rodrigues (2022), Samu (2015), Shortall (2016), and Saussure (2006), the methodology is bibliographic and qualitative, including observational analysis of pedagogical practices. The final considerations reaffirm the importance of valuing linguistic diversity within the educational context, promoting teaching that respects the uniqueness of each group.

**Keywords:** Linguistic Variations; Linguistic Prejudice; Inclusive Education.

## Sumário

1. Considerações iniciais.....	11
2. A história e origem da Língua Portuguesa.....	16
2.1 Dicotomia de língua e fala da teoria de Ferdinand de Saussure.....	20
3. Variação linguística.....	25
3.1 Reflexões acerca do preconceito linguístico na escola.....	28
4. Concepção do ensino de Língua Portuguesa.....	31
5. Análises da observação.....	35
6- Considerações finais.....	49
7- Referências.....	52
8- Anexos.....	54

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociolinguística constitui um campo central da linguística, voltado para a análise das complexas interações entre língua e sociedade, especificadamente, com ênfase nas variações linguísticas observadas em diferentes contextos sociais e reais de uso da linguagem, enquanto instrumento comunicativo e interacional. Tal área de estudo abarca uma investigação detalhada sobre como variáveis sociais, como classe, gênero, etnia, faixa etária e localização geográfica, influenciam no uso da língua, demonstrando que a linguagem não é um sistema isolado, mas sim profundamente interligado às dinâmicas sociais, históricas e culturais. Nesse sentido, a sociolinguística ultrapassa os limites da gramática formal, direcionando-se para a compreensão das mudanças e variações linguísticas que ocorrem em função das interações e transformações sociais. Ao considerar esses fatores, revela como a língua é continuamente moldada por elementos culturais e sociais, refletindo a fluidez e a heterogeneidade da comunicação humana.

Ao investigar as diferentes formas de linguagens dialetos e variações linguísticas, constata-se que esses elementos revelam a complexa pluralidade cultural e social que caracteriza uma determinada comunidade. Nesse contexto, as variações podem se manifestar de diversas formas, como a variação diatópica, que reflete as diferenças regionais; a variação diastrática, relacionada às divisões de classe social; e a variação diafásica, que se refere às adaptações linguísticas de acordo com o contexto de fala. Ainda, é possível identificar a variação diacrônica, que aborda as transformações da língua ao longo do tempo. Tais variações, ao lado dos dialetos, reforçam a ideia de que a língua é um fenômeno dinâmico, moldado por fatores sociais, históricos e geográficos, refletindo a diversidade cultural e as complexas relações entre os falantes.

Nesse sentido, é fundamental que a sociolinguística seja integrada ao ensino na Educação Básica, pois possibilita a desconstrução de estereótipos linguísticos, como a crença na existência de uma única norma “correta” e a desvalorização de determinados dialetos ou variações. Esses estereótipos perpetuam preconceitos e consolidam hierarquias sociais e culturais, sendo imprescindível trabalhá-los em sala de aula para fomentar a conscientização acerca dos discursos de poder, exclusão e construção identitária que permeiam a sociedade. Entre esses discursos, destacam-se a marginalização de falares regionais ou variantes populares em contextos formais. Ao abordar as variações linguísticas regionais, culturais e históricas, evidencia-se que as formas de expressão variam conforme o território, os valores culturais e as mudanças históricas, reforçando, assim, a importância de valorizar todas as formas de comunicação linguística.

Ao observarmos a vasta extensão territorial do Brasil, é possível perceber a profunda influência que fatores culturais, históricos e geográficos exercem sobre a língua falada em diferentes regiões. Essa diversidade linguística reflete não apenas as características de cada localidade, mas também a complexidade de um país que, ao longo de sua formação, recebeu contribuições de inúmeros povos, como indígenas, africanos e europeus, cada qual deixando suas marcas no modo de falar. O Brasil apresenta uma vasta gama de variações linguísticas, refletindo a grande diversidade cultural que caracteriza suas diferentes regiões. Esse fenômeno pode ser observado nas múltiplas formas de expressão oral e escrita que coexistem no território nacional, influenciadas por fatores históricos, sociais e geográficos.

Cada região do país possui particularidades linguísticas que, por sua vez, estão diretamente ligadas às suas especificidades culturais, criando um rico mosaico de variantes. Essas variações evidenciam tanto a diversidade cultural do povo brasileiro, quanto a flexibilidade da língua em se moldar aos diferentes contextos regionais. Por isso, reconhecer e valorizar essa riqueza linguística é fundamental para a construção de uma educação inclusiva, que acolha e respeite as particularidades culturais e linguísticas de cada estudante, promovendo, assim, um ambiente pedagógico mais equitativo e plural.

Observa-se que a diversidade linguística no Brasil não se limita apenas a dialetos ou regionalismos, mas também reflete as contínuas transformações pelas quais a língua passa. Por isso, cada comunidade, ao interagir com seu contexto social, cultural e geográfico, contribui para a constante renovação e adaptação do idioma. Isso acontece porque a língua é um fenômeno dinâmico, em constante evolução, sujeita a influências diversas que alteram suas estruturas e formas de uso ao longo do tempo. Tais mudanças são impulsionadas por fatores históricos, como a migração e o contato entre diferentes grupos, demonstrando que a língua nunca é estática, mas um reflexo vivo das interações sociais e culturais em curso. Entender esse dinamismo é crucial para promover uma educação que reconheça as múltiplas formas de expressão linguística e valorize as singularidades de cada grupo.

Nesse cenário, as variações linguísticas não apenas refletem, mas também desempenham um papel fundamental na transformação das percepções sociais acerca dos preconceitos associados à linguagem. Ao se manifestarem em diversos contextos, essas diversidades atuam como instrumentos de resistência e conscientização, desafiando estigmas arraigados e promovendo um espaço de valorização das múltiplas formas de expressão. Isso ocorre porque, ao reconhecer e legitimar diferentes modos de falar, a sociedade começa a questionar as hierarquias linguísticas que marginalizam certos grupos. Assim, essas variações linguísticas se configuram como um recurso poderoso na luta pela equidade dos discursos,

contribuindo para um ambiente mais inclusivo e justo. Portanto, compreender a dinâmica das línguas e suas inter-relações com fatores sociais é essencial para fomentar uma educação que valorize a diversidade linguística e cultural.

Neste estudo, delineamos uma investigação sobre as variações linguísticas no português padrão e suas implicações sociais, particularmente no contexto educacional do 6º Ano do Ensino Fundamental II? Como podemos elucidar a diversidade linguística, e também propor estratégias pedagógicas que promovam uma compreensão mais inclusiva e tolerante das diferentes formas de comunicação no ambiente escolar? Como podemos analisar as implicações sociais das diversas formas de expressão linguística no contexto do português padrão, evidenciando como essas variações desafiam os princípios estabelecidos por normas de linguagem que, muitas vezes, perpetuam preconceitos? Como investigar as raízes dos preconceitos linguísticos, será possível compreender suas consequências sobre os indivíduos em diferentes esferas sociais, demonstrando que essas variações são representações legítimas de culturas, histórias e regiões? Como destacar a pluralidade das formas de comunicação, analisando alternativas pedagógicas que favoreçam a aceitação da diversidade linguística nas salas de aula? De que forma podemos promover uma compreensão inclusiva, que reforce a ideia de que não existe uma “fala errada”, mas sim distintas formas de se comunicar, enriquecendo assim o ambiente educacional e social?

Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo, buscar identificar e analisar os problemas e influências que essas variações causam na sociedade, refletindo sobre como elas desafiam os preconceitos e normas linguísticas estabelecidas. Além disso, é compreender como essas diferenças linguísticas afetam os indivíduos em múltiplos aspectos sociais e culturais. Dessa forma, a pesquisa visa não apenas elucidar a diversidade linguística, mas também propor estratégias pedagógicas que promovam uma compreensão mais inclusiva e tolerante das diferentes formas de comunicação no ambiente escolar. Analisar as implicações sociais das diversas formas de expressão linguística no contexto do português padrão, evidenciando como essas variações desafiam os princípios estabelecidos por normas de linguagem que, muitas vezes, perpetuam preconceitos. Ao investigar as raízes dos preconceitos linguísticos, será possível compreender suas consequências sobre os indivíduos em diferentes esferas sociais, demonstrando que essas variações são representações legítimas de culturas, histórias e regiões. Além disso, a pesquisa pretende destacar a pluralidade das formas de comunicação, analisando alternativas pedagógicas que favoreçam a aceitação da diversidade linguística nas salas de aula. Dessa maneira, busca-se promover uma compreensão inclusiva, que reforce a ideia de que não

existe uma “fala errada”, mas sim distintas formas de se comunicar, enriquecendo assim o ambiente educacional e social.

A pesquisa em questão é justificada pela relevância das variações linguísticas e pela análise das interações sociais que estas promovem, além de suas histórias intrínsecas, bem como pela necessidade de compreender o contexto em que o indivíduo está inserido. Em uma perspectiva pessoal e profissional, essa abordagem é motivada pela convicção de que a educação deve refletir a diversidade linguística, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Bagno (2020) e Antunes (2003), as variações linguísticas têm sido alvo de questionamentos nas instituições de ensino básico, revelando um preconceito persistente da sociedade em relação às particularidades linguísticas de diferentes regiões. Contudo, as aulas de Língua Portuguesa frequentemente permanecem centradas na gramática normativa, priorizando a apresentação da forma "correta" da língua e a prática mecânica da ortografia, em detrimento de uma abordagem que valorize a riqueza e a complexidade das manifestações linguísticas.

A análise das variações linguísticas e suas repercussões sociais deve ser abordada à luz de uma perspectiva ética abrangente, uma vez que essa avaliação está profundamente entrelaçada com questões morais e suas ramificações, frequentemente acompanhadas por um tom discriminatório que revela preconceitos linguísticos arraigados na sociedade. Essas problemáticas éticas se manifestam em contextos multifacetados, que se tornam objeto de discursos linguísticos, exigindo, portanto, uma reflexão crítica e atenta. De acordo com diversos estudiosos, os preconceitos linguísticos e os discursos subjacentes a eles podem ser considerados formas de interpretação da realidade social. Desse modo, se toda realidade é passível de múltiplas interpretações, surgem novas compreensões sobre essa mesma realidade, evidenciando um princípio moral fundamental que deve ser considerado. Essa análise se torna imprescindível para entender as dinâmicas de poder que moldam as interações sociais e, por conseguinte, o papel da educação na erradicação dessas práticas discriminatórias.

Assim, a pesquisa adota uma abordagem bibliográfica e qualitativa, fundamentando-se nas contribuições de diversos autores sobre a temática da variação linguística e sua repercussão social no contexto do ensino fundamental II. O objetivo central é investigar as implicações sociais das variações linguísticas no português padrão, com foco nos preconceitos linguísticos discutidos na obra “A Língua de Eulália” de Marcos Bagno (2020).

Para isso, o desenvolvimento da pesquisa será dividido em etapas distintas. Inicialmente, serão examinadas as teorias de autores como Marcos Bagno (2007), Irlandé Antunes (2003), Bortoni-Ricardo (2005), Brasil (1998), Carneira (2006), Fiorin (1998 e 2010), Geraldi (2002),

Ilari (2009), Koch (2015), Mattos (2016), Milani (2016), Pau Teyssier (1982), Possenti (2009), Ramos (2008), Ramos (2011), Rodrigues (2022), Samu (2015), Shortall (2016) e Saussure (2006). Essa revisão teórica permitirá uma compreensão abrangente das dinâmicas da variação linguística. Em seguida, a pesquisa abordará os preconceitos linguísticos presentes na sociedade, destacando como esses preconceitos afetam o ambiente escolar e a formação dos alunos.

Conforme mencionado por Gil (2010), a pesquisa bibliográfica se baseia em materiais previamente publicados, como livros e artigos acadêmicos, sendo essa uma estratégia fundamental para estudos exploratórios. Assim, esta metodologia busca não apenas entender os aspectos teóricos da variação linguística, mas também promover uma reflexão crítica sobre sua prática pedagógica no ensino da língua portuguesa

A presente pesquisa é estruturada em diversas partes que abordam distintos aspectos da Língua Portuguesa, iniciando com uma consideração inicial que contextualiza o tema e estabelece a relevância do estudo. O aporte teórico seguinte discorre sobre a história e a origem da língua portuguesa, oferecendo uma base sólida para a compreensão de sua evolução. No subtópico 2.1, a dicotomia entre língua e fala é examinada à luz da teoria de Ferdinand de Saussure, a qual fundamenta a distinção entre os sistemas linguísticos e suas manifestações. A análise da variação linguística é abordada em um capítulo subsequente, essencial para a compreensão da pluralidade das expressões linguísticas. No subtópico 3.1, são discutidos os preconceitos linguísticos no ambiente escolar, destacando o impacto desse fenômeno na formação identitária dos alunos.

Em seguida, a concepção do ensino de Língua Portuguesa é abordada, com um exame das abordagens pedagógicas que permeiam a disciplina. A pesquisa inclui, ainda, uma análise observacional, que busca correlacionar as experiências práticas com as teorias previamente discutidas. A metodologia utilizada é detalhada em um capítulo posterior, proporcionando uma compreensão clara dos métodos de pesquisa empregados. Por fim, as considerações finais sintetizam a análise e comparação dos preconceitos, diversidades e variações linguísticas, integrando os diversos aspectos abordados, desde a história e a origem da língua até a concepção do ensino de Língua Portuguesa. Essa síntese culmina em uma conclusão que reafirma a importância de reconhecer e valorizar a riqueza da diversidade linguística no contexto educacional.



## 2 A HISTÓRIA E ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

As línguas românicas, que surgiram a partir do latim vulgar falado nas províncias do Império Romano, constituem um grupo linguístico fascinante que inclui o português, o espanhol, o francês, o italiano e o romeno. A evolução dessas línguas deu-se através de um processo de transformação linguística que começou com a queda do Império Romano no século V, levando à fragmentação da língua latina. Nesse sentido, o desenvolvimento das línguas românicas foi diretamente influenciado pelo contexto histórico e político da época, como evidencia Vitor (2016), ao afirmar que:

Inicialmente havia o latim, o qual se estilizou, sobretudo, em virtude de uma necessidade surgida com a política expansionista do Império. A evolução político-social por que passavam os romanos estendeu-se à língua, a qual se torna, impreterivelmente, meio de transmissão da cultura (aristocrática) e dos campos do saber (Mattos, 2016, p. 1).

Ao longo dos séculos, as comunidades locais adaptaram o latim a suas realidades culturais e sociais, resultando em diversas variantes. O contato com populações indígenas e invasores, como os germanos e árabes, também influenciou essa evolução, enriquecendo o léxico e as estruturas gramaticais das línguas emergentes. A partir do século IX, essas línguas começaram a se consolidar como entidades independentes, refletindo as identidades culturais dos povos que as falavam. O estudo das línguas românicas revela, portanto, não apenas aspectos linguísticos, mas também a história social e cultural da Europa.

Os primeiros registros da Língua Portuguesa datam do século XII, com documentos como o “O Cancioneiro da Ajuda” (1904) e a “Cantiga de Santa Maria De Afonso X Curso Em 10 Lições” (2022), que atestam a formação inicial do português. Esses textos revelam a transição do latim para uma língua vernacular, evidenciando a crescente importância da Língua Portuguesa na literatura e na comunicação.

As Cantigas de Santa Maria foram escritas no idioma galego-português, língua decorrente das alterações processadas no latim falado pelas populações que habitavam a região noroeste da Península Ibérica, correspondente hoje às áreas da Galiza e do Norte de Portugal. Como tal, foi uma língua românica ou neolatina, da qual se originaram, aproximadamente a partir do século XV, o galego e português (Rodrigues, 2022, p. 33).

A produção literária, inicialmente dominada por temas religiosos, gradualmente passou a explorar a vida cotidiana e as tradições populares. O impacto desses registros foi significativo, pois estabeleceu as bases para uma rica tradição literária que se expandiu ao longo dos séculos. Além disso, a fixação da língua escrita começou a solidificar a identidade nacional, promovendo a coesão cultural entre os falantes. A partir dessas primeiras expressões, o português começou a se afirmar como uma língua independente, capaz de refletir a cultura e os valores de seu povo.

A formação do português não ocorreu em um vácuo, mas foi profundamente influenciada por diversas línguas que interagiram ao longo de sua história. Com a chegada dos colonizadores, elementos de línguas indígenas brasileiras foram incorporados, resultando em um vocabulário rico e diversificado que reflete a realidade local. Além disso, a presença de africanos escravizados trouxe novas palavras e expressões que enriqueceram o idioma, especialmente em áreas relacionadas à cultura, religião e cotidiano. As interações com outras línguas europeias, como o espanhol e o francês, também desempenharam um papel importante na formação do português, contribuindo para a sua evolução lexical e gramatical. Essa diversidade linguística é um testemunho da história complexa do Brasil e de seu povo, evidenciando como a Língua Portuguesa se moldou a partir de um mosaico cultural que abrange diferentes influências.

A Igreja desempenhou um papel crucial na consolidação da língua portuguesa, especialmente durante a Idade Média, quando a religião era uma força dominante na sociedade. O uso do português em documentos e liturgias religiosas ajudou a legitimar a língua como um meio de comunicação oficial, permitindo que os fiéis se conectassem mais profundamente com sua fé. “Isso demonstra o poder da Igreja na construção do estado português, algo corporificado desde o início da história de Portugal” (Samu, 2015, p. 72). Simultaneamente, a literatura medieval começou a florescer, com obras que exploravam temas religiosos e a moralidade, utilizando o português como veículo de expressão. Através de poetas e escritores, como Luís de Camões, a língua foi elevada a um novo patamar, tornando-se um símbolo de identidade nacional. A intersecção entre a literatura e a religião não apenas solidificou o português, mas também criou um legado cultural que perdura até os dias atuais, evidenciando a importância do idioma na formação da consciência coletiva do povo.

Com as explorações marítimas, o império colonial português se estendeu pela África, Ásia e América, resultando na disseminação do idioma em uma escala global. Cada nova colônia trouxe consigo influências locais, que se entrelaçaram com o português, criando variedades linguísticas distintas que perduram até hoje.

A invasão muçulmana e a Reconquista são acontecimentos determinantes na formação de três línguas peninsulares — o galego português a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste. Estas Línguas, todas três nascidas no Norte, foram levadas pro Sul pela Reconquista (Paul, 1982, p.8).

O contato com diferentes culturas e línguas possibilitou uma troca enriquecedora, que transformou o português em um idioma multifacetado, repleto de expressões e vocabulário diverso. Essa expansão não apenas alterou a geografia da língua, mas também a tornou um importante instrumento de comunicação e comércio em várias partes do mundo. A influência do português, portanto, transcende fronteiras, refletindo a história de um povo que se adaptou e evoluiu ao longo dos séculos.

Ao longo da história, o português passou por diversas mudanças linguísticas que afetaram sua gramática, vocabulário e pronúncia. A transição do português arcaico para o português moderno, por exemplo, foi marcada por significativas simplificações morfológicas e a adoção de novas regras gramaticais. O contato com outras culturas e línguas, especialmente durante o período colonial, também introduziu novos termos e expressões no léxico português, refletindo as inovações sociais e tecnológicas da época. Além disso, as alterações fonéticas que ocorreram ao longo dos séculos moldaram a pronúncia do idioma, resultando em variações regionais que ainda são observadas hoje. Essa dinâmica evolutiva é um testemunho da adaptabilidade do português e de sua capacidade de refletir as transformações culturais e sociais da sociedade. Assim, o estudo das mudanças linguísticas no português revela não apenas a evolução da língua, mas também a história de um povo em constante transformação.

O português, como língua global, possui uma diversidade de dialetos e variedades regionais que refletem a riqueza cultural das comunidades que o falam. No Brasil, por exemplo, as diferenças entre o português falado no Sul, Sudeste e Nordeste são notórias, cada região apresentando características fonéticas, lexicais e gramaticais únicas. Além disso, em países africanos como Moçambique e Angola, o português é falado com influências das línguas locais, resultando em uma variedade rica e singular. Essas diferenças não apenas enriquecem o idioma, mas também revelam a história e as experiências de cada povo. O reconhecimento e a valorização dessas variações são essenciais para compreender a língua em sua totalidade, ressaltando a pluralidade cultural que o português abriga. Assim, a diversidade linguística do português torna-se um reflexo da diversidade humana, onde cada variante conta uma história única.

Atualmente, o português é falado por mais de 250 milhões de pessoas em todo o mundo, consolidando-se como uma das línguas mais faladas e estudadas globalmente. Com o crescimento das economias de países lusófonos, o português ganha cada vez mais relevância no cenário internacional, sendo a língua oficial em diversos organismos internacionais. A presença do português na mídia, na literatura e nas redes sociais contribui para a sua vitalidade e modernização, atraindo a atenção de novos falantes. “A Língua Portuguesa apresenta muitas variantes, ou seja, pode se manifestar de diferentes formas. (Ramos et al., 2011, p. 12).” Além disso, iniciativas educacionais e culturais têm promovido o ensino do português em países onde a língua não é nativa, ampliando sua influência. Assim, o português se transforma não apenas em uma língua de comunicação, mas também em um símbolo de identidade cultural, que liga comunidades diversas e reforça os laços entre as nações.

O conceito de língua é vasto e complexo, abrangendo não apenas a comunicação verbal, mas também aspectos sociais, culturais e psicológicos. Linguistas definem a língua como um sistema de signos que permite a expressão de ideias, emoções e informações. Ela desempenha funções essenciais, como a comunicação, a socialização e a construção da identidade. Várias teorias linguísticas, como a teoria do estruturalismo e a pragmática, exploram diferentes dimensões da língua, revelando suas multifacetadas interações com a sociedade. Além disso, a língua é um fenômeno dinâmico, em constante mudança e adaptação, refletindo as transformações culturais e sociais das comunidades que a falam. Essa pluralidade de definições e abordagens destaca a importância da língua como um elemento fundamental na experiência humana e na formação de identidades.

A fala, enquanto manifestação concreta da língua, diz respeito à utilização efetiva do sistema linguístico por indivíduos em situações de comunicação. Ao contrário da língua, que é um sistema abstrato e coletivo, a fala é a expressão pessoal e situacional, refletindo a subjetividade do falante. Dessa forma,

[...] discriminar alguém com base em sua gramática ou sotaque é equivalente a discriminar alguém por critérios como raça e sexo [...] quando se nega a linguagem de alguém, é como se tais pessoas (ou tais grupos de pessoas) estivessem sendo considerados como não tendo sequer o direito à voz (Possenti, 2009, p. 24).

Essa distinção é fundamental para entender como as variantes linguísticas se manifestam na prática, evidenciando a influência do contexto social, cultural e emocional nas escolhas linguísticas. A interação entre língua e fala também ilustra como a linguagem se adapta e evolui, incorporando novas expressões e formas de comunicação. Essa relação dinâmica revela não

apenas as nuances da comunicação humana, mas também as interações sociais que moldam o uso da língua em diferentes contextos. Assim, a análise da fala enriquece a compreensão da língua, oferecendo uma visão mais completa da comunicação humana.

## **2.1 DICOTOMIA DE LÍNGUA E FALA DA TEORIA DE FERDINAND DE SAUSSURE**

A teoria de Ferdinand de Saussure representa um marco fundamental na linguística moderna, delineando os contornos de um novo entendimento sobre a língua como um sistema de signos. Sua obra, embora amplamente reconhecida por suas inovações conceituais apresentadas no “Curso de Linguística Geral”. “Mas o trabalho linguístico de Saussure começou muito antes do desenvolvimento dos conceitos registrados no livro “Curso de Linguística Geral” [Cours de linguistique générale], publicação de 1916 organizada por Bally e Sechehaye” (Elias, 2016, p.11). A abordagem Saussureana não apenas revolucionou o estudo da linguística, mas também estabeleceu um diálogo interdisciplinar com outras áreas do saber, enfatizando a importância do contexto social na formação e evolução das línguas.

Dessa forma, no curso de linguística geral Saussure (2006), relata que a linguagem, língua e fala estão relacionadas, de forma que cada uma tem sua característica e seu valor nos discursos/dialetos dos indivíduos. No entanto, a língua funciona como um sistema social, estrutural e coletivo na sociedade e que é uma estrutura homogênea, viva e que sempre está se modificando ao longo do tempo. Já a fala é caracterizada como um manifesto individual, dinâmico e heterogêneo por cada falante ter sua forma de expressão e também dependendo do contexto social em que essa pessoa está inserida.

A língua está relacionada ao intuito da inteligência do ser humano, ou a qualquer uma prática social dos participantes desse universo de denotação significativa. No entanto, a fala é a criação do grupo linguístico dos seres humanos, o recurso em que cada indivíduo usa para comunicar-se uns com os outros. A fala pode ser expressa por gestos, oral ou escrita.

No contexto do estudo da linguística, a abordagem de Saussure foi amplamente discutida durante o “II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA”, onde Terry Shortall (2016), em sua apresentação, explorou as nuances da forma e das características da “Langue” (Língua) e “Parole” (Fala), ressaltando a relevância dessas categorias para a compreensão dos fenômenos

linguísticos e contemporâneos. De acordo com Shortall (2016), as categorias “Langue” e “Parole” têm as seguintes características:

<i>Langue</i>	<i>Parole</i>
Sintaxe tende para os protótipos	Sintaxe é influenciada pela conhecimento compartilhado
Substantivos são concretos e animados	Substantivos são abstratos e com referências vagas

Dessa forma, a compreensão dessas categorias torna-se fundamental para o estudo da linguística moderna. Segundo Shortall, “Até agora, cem anos depois da publicação da Cours de Linguistique Générale do Ferdinand de Saussure, ninguém tem conseguido definir e descrever em forma concreta e explícita a “Langue” ou a “Parole” ” (Shortall, 2016, p.76). Essas duas noções, apesar de suas complexidades, apresentam características distintas que ajudam a delinear a relação entre linguagem e uso.

O contexto histórico em que Saussure escreveu sua obra é marcado por uma crescente valorização das ciências sociais e humanas, refletindo um desejo de compreender os mecanismos que regem a comunicação e o significado. Sua influência se estende não apenas à linguística, mas também à semiologia, à filosofia e às ciências sociais, estabelecendo um marco teórico que ainda é debatido e estudado atualmente. Dessa forma ele também mostra o impacto das diversas culturas que compõem a língua, assim dando uma significativa contribuição para as diversas variedades linguísticas.

Além disso, Saussure (2006) introduz conceitos como o valor do signo e a arbitrariedade da relação entre significante e significado, desafiando visões anteriores sobre a linguagem. Essa obra não só transformou o campo da linguística, mas também incentivou novas perspectivas sobre como entendemos a comunicação humana. Dessa forma:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica, (Saussure, 2006, p. 47).

De acordo com Saussure (2006), o estudo da linguagem pode ser dividido em duas áreas principais. A primeira, que é fundamental, foca na língua, a qual é social por natureza e não

depende do indivíduo; essa análise é puramente psíquica. A segunda parte, considerada secundária, trata da dimensão individual da linguagem, ou seja, a fala, que abrange aspectos como a fonação e é entendida como uma manifestação psicofísica. Afirma Saussure:

Essa é a primeira bifurcação que se encontra quando se procura estabelecer a teoria da linguagem. Cumprir escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente. Pode-se, a rigor, conservar o nome de Lingüística para cada uma dessas duas disciplinas e falar duma Lingüística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com a Lingüística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua. Unicamente desta última é que cuidaremos, e se por acaso, no decurso de nossas demonstrações, pedirmos luzes ao estudo da fala, esforça-nos-emos para jamais transpor os limites que separam os dois domínios. (Saussure, 2006, p. 48).

Saussure (2006) destaca, nesse trecho, a necessidade de uma clara distinção entre os dois aspectos do estudo da linguagem: a língua e a fala. Ele reconhece que, ao desenvolver uma teoria da linguagem, é crucial escolher um caminho, pois as duas disciplinas não podem ser abordadas simultaneamente. Embora seja possível manter o termo “lingüística” para referir-se a ambos os campos, o autor enfatiza que sua análise se concentrará exclusivamente na língua, as quais são uma construção social e coletiva. Ao mencionar que pode haver momentos em que o estudo da fala é relevante, Saussure se compromete a respeitar os limites entre essas duas áreas, garantindo que sua investigação permaneça fiel ao objeto de estudo da lingüística propriamente dita. Neste sentido, aponta que:

A língua tem, pois, uma tradição oral independente da escrita e bem diversamente fixa, todavia, o prestígio da forma escrita nos impede de vê-lo. Os primeiros lingüistas se enganaram nisso, da mesma maneira que, antes deles, os humanistas. O próprio Bopp não faz diferença nítida entre a letra e o som; lendo-o, acreditar-se-ia que a língua fosse inseparável do seu alfabeto. Os sucessores imediatos de Bopp caíram na mesma cilada; a grafia th da fricativa p fez crer a Grimm, não somente que esse som era duplo, mas, inclusive, que era uma oclusiva aspirada; daí o lugar que ele lhe assinala na sua lei da transformação lconsonântica ou, “Lautversehiebung” (ver p. 168). Ainda hoje, homens esclarecidos confundem a língua com a sua ortografia; Gaston Deschamps não dizia de Berthelot "que ele preservara o francês da ruína" porque se opusera à reforma ortográfica? (Saussure, 2006, p. 55).

Ao criticar a tendência de confundir a língua com sua representação gráfica, o autor Saussure ressalta que a língua possui uma tradição oral independente da escrita. Ele aponta que diversos linguistas, incluindo Bopp e seus sucessores, não conseguiram fazer essa distinção, o

que levou a interpretações equivocadas sobre os sons da língua com base em sua grafia. Essa confusão entre som e letra originou mal-entendidos que perduram até os dias atuais, como se observa na opinião de Gaston Deschamps sobre a preservação do francês em relação à sua ortografia. Abordando essas questões, Saussure (2006), destaca a necessidade de desvincular a análise da língua de sua forma escrita, para que se possa entender plenamente a essência e o funcionamento da linguagem. O autor conclui que,

Em primeiro lugar, a língua evolui sem cessar, ao passo que a escrita tende a permanecer imóvel. Segue-se que a grafia acaba por não mais corresponder àquilo que deve representar. Uma notação, coerente num momento dado, será absurda um século mais tarde. Durante certo tempo, modifica-se o signo gráfico para conformá-lo à mudança de pronúncia, mas depois se renuncia a isso. Foi o que aconteceu, em francês, no tocante a *oi* (Saussure, 2006, p. 57).

A natureza dinâmica da língua falada, em contraste com a rigidez da escrita, é evidenciada pelo autor Ferdinand de Saussure, que mostra como a fala evolui continuamente, enquanto a notação gráfica tende a se cristalizar, o que pode resultar em uma desconexão entre os dois sistemas. Ele observa que essa divergência se manifesta de maneira clara em línguas como o francês, cujas pronúncias mudaram ao longo do tempo, mas cujas grafias permanecem estáticas, refletindo formas obsoletas. Saussure sugere que a rigidez da escrita limita sua capacidade de capturar a fluidez da fala, gerando uma tensão entre a norma escrita e a realidade fonológica. Além disso, ele critica a tendência de considerar a escrita superior à fala, argumentando que a língua falada é o verdadeiro reflexo da experiência humana, enquanto a escrita é uma tentativa incompleta de registrar essa transformação contínua.

De outro lado, como procederam os que estudaram a língua antes da fundação dos estudos lingüísticos, vale dizer, os “gramáticos” inspirados pelos métodos tradicionais? É curioso observar que seu ponto de vista sobre a questão que nos ocupa é absolutamente irrepreensível. Seus trabalhos nos mostram claramente que querem descrever estados; seu programa é estritamente sincrônico. Assim, a gramática de Port.-Royal tenta descrever o estado da língua francesa no tempo de Luís XIV e determinar-lhe os valores. (Saussure, 2006, p. 117).

O autor, analisa o trabalho dos gramáticos que precederam a formalização dos estudos lingüísticos, destacando que, apesar de utilizarem métodos tradicionais, suas abordagens eram válidas e efetivas. Ele observa que esses gramáticos tinham um foco sincrônico, buscando



descrever a língua em um determinado momento histórico, como é o caso da gramática de Port.-Royal, que se propunha a capturar o estado do francês durante o reinado de Luís XIV. Essa ênfase em descrever estados da língua revela uma preocupação com a sistematização e a codificação dos valores linguísticos da época, mostrando que, mesmo antes do surgimento da linguística moderna, já havia um entendimento claro sobre a importância de estudar a língua em seu contexto temporal específico.

E por fim pode-se compreender que essa abordagem sincrônica não apenas contribuiu para o entendimento da língua como um fenômeno social em sua totalidade, mas também estabeleceu as bases para futuras investigações linguísticas. Ao reconhecer a relevância dos gramáticos do passado, Saussure nos lembra que a análise da língua deve sempre considerar seu estado em um dado momento, permitindo uma compreensão mais profunda das transformações linguísticas ao longo do tempo. Assim, a obra desses gramáticos, mesmo que preceda os métodos contemporâneos, continua a influenciar e enriquecer os estudos da linguagem.

### 3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Inicialmente, é importante destacar que a variação linguística é um fenômeno intrínseco à natureza das línguas, refletindo as múltiplas formas de expressão que emergem em diferentes contextos sociais, culturais e históricos. No caso do português falado no Brasil, essa diversidade se manifesta em várias dimensões, como a geográfica, a social e a histórica, resultando em diferentes dialetos, sotaques e registros linguísticos. Dessa forma, “Não só a língua que falamos hoje é o resultado de muitas inovações ocorridas em épocas diferentes; na língua que falamos hoje convivem palavras e construções que remontam a épocas diferentes” (Ilari; Basso, p. 153). Essa complexidade não apenas enriquece o idioma, mas também evidencia as realidades e desigualdades que permeiam a sociedade brasileira. Compreender a variação linguística é, portanto, fundamental para apreciar a pluralidade cultural do país e para analisar criticamente as dinâmicas de inclusão e exclusão que influenciam a comunicação entre seus falantes.

Dentro desse contexto de diversidade, é importante reconhecer que a Língua Portuguesa no Brasil não é um monólito, mas sim um mosaico repleto de nuances que refletem a rica tapeçaria social do país. A variação linguística é influenciada por fatores como classe social, etnia, gênero e contexto geográfico, resultando em uma multiplicidade de modos de falar que, muitas vezes, são alvo de preconceito e estigmatização. Essa realidade nos leva a considerar as implicações sociais da linguagem, especialmente quando se observa que as diferenças não são apenas características linguísticas, mas também indicativas de desigualdades mais amplas. Assim, ao analisar a Língua Portuguesa no Brasil, é essencial reconhecer e valorizar essa diversidade, que não só representa a identidade cultural do povo brasileiro, mas também expõe as feridas de uma sociedade marcada por injustiças e disparidades. Neste sentido o autor Marcos Bagno (2007) aponta que:

[...] Embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. (Bagno, 2007, p. 15).

Assim, constata-se que preconceitos surgem na sociedade ao se considerar inadequadas as formas linguísticas empregadas em contextos sociais menos favorecidos culturalmente. Entretanto, o autor argumenta que não existem falas erradas; pelo contrário, cada modo de

expressão reflete o contexto social, cultural e regional em que o indivíduo se encontra. Ele esclarece que as falas frequentemente rotuladas como não padrões podem ser vistas como incorretas apenas sob a perspectiva da norma gramatical, ou seja, dentro dos parâmetros da linguagem culta. Contudo, nas comunidades onde o indivíduo vive, essas formas de expressão são frequentemente utilizadas. Neste sentido compreende-se que:

Como a educação ainda é privilégio de muita pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os sem-língua. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que, no entanto, não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, (Bagno, 2007, p. 16).

Ademais, essa perspectiva convida a uma reflexão mais profunda sobre a diversidade linguística e a importância de reconhecer a legitimidade de diferentes modos de fala. A valorização das variantes linguísticas não apenas enriquece o entendimento da língua como um fenômeno dinâmico, mas também combate o estigma associado a formas de expressão consideradas inferiores. Nesse sentido, é fundamental promover um diálogo que permita a inclusão de todos os falantes, independentemente de sua origem socioeconômica ou cultural. Dessa forma, entende-se que a análise das práticas linguísticas deve ir além da norma, visando compreender as nuances e as particularidades que compõem o tecido social. Essa abordagem é crucial para desconstruir preconceitos e fomentar um ambiente de respeito e valorização da diversidade na comunicação.

Com base nesses diálogos, pode-se mostrar aos alunos sobre as várias maneiras de falar, que estão presentes no ambiente social e local, na tentativa de buscar conscientizá-los e apresentá-los os diferentes tipos de estereótipos linguísticos, para isso, é de fundamental importância que os professores abordem estes temas desde o ensino básico. Visando expor uma língua padrão da norma culta, sem desmerecer a língua popular daqueles indivíduos que não conseguiram ter acesso à Educação Básica, como nos aponta:

Voltando à questão da variação individual, a conclusão a que se chega é a de que as diferenças entre os indivíduos de uma mesma comunidade de fala não poderão ser de natureza gramatical, ou seja, os pesos relativos dos efeitos dos

contextos linguísticos no uso de variante pelos diferentes falantes de uma comunidade deverão ser os mesmos ou ser muito próximos. As diferenças que percebemos entre indivíduos de uma mesma comunidade, portanto, são diferenças no nível geral de usar um fenômeno variável. (Fiorin, 2010, p.135).

Dessa forma, é crucial reconhecer que todo falante de uma determinada língua, independentemente do seu nível de escolaridade, detém um conhecimento significativo sobre sua estrutura e funcionamento. Com isso, essa competência linguística que transcende o ambiente escolar e acadêmico, permite que o indivíduo manipule a língua de maneira eficaz, assegurando uma comunicação que, apesar das possíveis diferenças, se revela clara e compreensível. Além disso, é fundamental considerar que as variações linguísticas são moldadas por fatores culturais e sociais específicos de cada região, o que resulta em diferentes pronúncias, vocábulos e expressões.

Ademais, essa diversidade linguística, revela a riqueza da língua, como um reflexo das experiências e identidades dos falantes. As variações não devem ser vistas como inadequações, mas como forma legítima de expressões que enriquecem o idioma e refletem a singularidade de cada grupo social. Portanto ao considerar essas nuances, é possível promover uma valorização das diferentes maneiras de falar, reconhecendo que cada forma de enunciação tem seu lugar e importância dentro do contexto social em que é utilizada. Essa valorização é essencial para um entendimento mais amplo das dinâmicas linguísticas que permeiam a sociedade.

A esse *continuum*, que representa a variação diatópica (rural x urbana) e social, deve-se, por razões didáticas, acrescentar outro, que represente variações funcionais, estilísticas, que se interseccionam com aquelas. A escolha de determinado grau de formalidade na fala depende basicamente do papel social que o falante desempenha a cada ato de interação verbal (Bortoni, 2005, p. 24).

Neste sentido os autores abordam que, de acordo com cada tipo de interação social, os indivíduos adotam padrões de fala diferentes, com as características requeridas para cada ocasião. Estes padrões de fala podem ser entendidos como variações linguísticas, e dentre elas estão presentes as variações entre a zona rural e urbana, em que respectivamente uma é caracterizada pela comunicação oral e não padronizada e a outra há presença mais definida da norma culta.

### 3.1 REFLEXÕES ACERCA DO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NA ESCOLA

É visto que o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa na escola deve garantir a qualidade estética e comunicativa da linguagem verbal, compreende-se que na linguagem é possível transformar, renovar e produzir o conhecimento social e cultural de forma que a língua aborde todo o campo linguístico da norma culta. Esta é a norma que é apresentada a todos os alunos do Brasil em sala de aula, na forma da gramática normativa, porém o ensino praticado no ambiente escolar segundo Antunes (2003, p. 31) é focado em “uma fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isolada, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função; frases feitas para servir de lição, para virar exercício;” este método trabalha a língua sem contexto e sem levar em consideração o seu caráter comunicacional e social, favorecendo o surgimento dos preconceitos linguísticos.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única Língua Portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (Bagno, 2007, p. 39).

Esta crença, aliada ao método visto na escola, nos mostra o quanto a gramática normativa é parte do discurso que a sociedade propõe, e através dela é que o falante é impedido de ter uma visão da cultura a qual pertencem sendo substituídas pelas do ideal normativo. E que a língua nos permite, a analisar o preconceito linguístico como um aspecto social e cultural da língua portuguesa. Dessa forma podemos, fazer uma análise desses preconceitos que passam despercebidos pelo meio social em que os indivíduos são inseridos. Desse modo o autor Bagno (2007) afirma que:

Essa afirmação preconceituosa é prima-irmã da idéia que acabamos de derrubar, a de que “brasileiro não sabe português”. Como o nosso ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que “português é uma língua difícil”: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da Língua Portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem (Bagno, 2007, p. 33).

Assim, é relevante expor a essas pessoas as maneiras preconceituosas de se comunicar que estão presentes em nossa sociedade. Além disso, é importante destacar que algumas diretrizes são fundamentais para entendermos os preconceitos linguísticos que experienciamos. Diante disso, os educadores precisam abordar esse assunto em sala de aula, permitindo que os alunos desenvolvam a compreensão de que o português vai além das regras gramaticais. É crucial que essa aprendizagem aconteça a partir do conhecimento de mundo desses alunos, evidenciando as diversas formas de expressão que possuem. Dessa maneira, enfatiza-se que todas essas formas refletem os preconceitos existentes e como podem ser trabalhados no contexto escolar. Portanto:

O conjunto de regras que, como se viu, constitui a gramática da língua, existe, apenas, com a única finalidade de estabelecer os padrões de uso, de funcionamento dessa língua. Ou seja, se as línguas existem para serem faladas e escritas, as gramáticas existem para regular os usos adequados e funcionais da fala e da escrita das línguas. Assim, nenhuma regra gramatical tem importância por si mesma. Nenhuma regra gramatical tem garantida a sua validade incondicional. O valor de qualquer regra gramatical deriva da sua aplicabilidade, da sua funcionalidade na construção dos atos sociais da comunicação verbal, aqui e agora. Por isso, tais regras são flexíveis, são mutáveis, dependem de como as pessoas as consideram. Assim, essas regras vêm e vão. (Antunes, 2003, p. 89).

Assim, a autora nos apresenta a evolução por meio das teorias, destacando os preconceitos associados à norma culta da língua portuguesa. Isso sensibiliza os educadores da educação básica, ao mostrar aos indivíduos como desenvolver uma consciência acerca dos preconceitos linguísticos presentes nas regras da língua portuguesa, além de reconhecer as desigualdades sociais que persistem na sociedade há muito tempo. A autora ainda revela de que forma esse sistema impacta diretamente a educação e afeta diferentes grupos em contextos diversos. Essa análise nos permite também perceber as ideologias que permeiam as obras literárias e os fatores que elas abordam, os quais são de fundamental importância para a formação do pensamento crítico. Desse modo, para Fiorin (1998):

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem idéias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística. É com essa formação discursiva assimilada que o

homem constrói seus discursos, que ele reage lingüisticamente aos acontecimentos (Fiorin, 1998, p.32)

A partir disso, é possível notar que, para compreender as críticas sociais relacionadas aos preconceitos lingüísticos presentes em nossa sociedade, é necessário adotar uma postura crítica em relação ao entendimento da linguagem verbal e à experiência de vida. Observa-se que essas pessoas não expressam claramente sua linguagem verbal e, em vez disso, constroem seus próprios relatos, compartilhando as vivências acumuladas ao longo de suas trajetórias. Sendo assim, essas pessoas tendem a sofrer preconceitos da sociedade, por não conseguirem expressar seus discursos na forma correta da norma culta.

A língua em si não é um fenômeno que tenha um caráter de classe, uma vez que ela existia nas sociedades sem classes, existe nas formações sociais com classe e continuará existindo quando as classes forem abolidas. No entanto, as classes usam a linguagem para transmitir suas representações ideológicas. Ela também não é propriamente um fenômeno de superestrutura, mas é o veículo das representações ideológicas. No entanto, as formações discursivas, na medida em que constituem a materialização das formações ideológicas, são fenômenos de superestrutura. Por isso, a uma alteração das relações sociais de produção pode acabar por corresponder uma mudança nas formações ideológicas e, por conseguinte, nas formações discursivas. Entretanto, essa transformação não provoca uma mudança concomitante no sistema lingüístico, pois este é apenas o instrumento de materialização das visões de mundo (Fiorin, 1998, p.72)

É comum que esses indivíduos tenham algum conhecimento prévio, mas é igualmente importante que sejam incentivados a identificar os preconceitos lingüísticos que estão presentes na sociedade contemporânea. Para auxiliar os professores a tratar esse assunto em sala, é vital que eles introduzam uma variedade de textos, destacando as múltiplas formas de expressão lingüística. A estrutura da escola, assim como sua organização física, é fundamental nesse processo. Entretanto, vale ressaltar que o ambiente de aprendizado frequentemente está sujeito a mudanças, não permanecendo fixo ou imutável.

#### 4 CONCEPÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com os relatos de Antunes (2003), percebe-se que existe uma pequena mudança quando se trata de trabalhar a Língua Portuguesa, pois anteriormente essa linguagem era abordada de forma mecanizada e tradicional, na qual os alunos não poderiam expressar suas habilidades nos dois grandes eixos da língua, que são eles: oral e escrita, sendo impedidos de demonstrar suas reflexões. Portanto, as aulas eram aplicadas de forma descontextualizada, com frases fragmentadas e isoladas fora do contexto social em que o aluno estava inserido. Desse modo Antunes (2003) relata:

[...] todas essas competências são avaliadas em textos, de diferentes tipos, gêneros e funções. Não há um descritor sequer que se apareça com os itens tradicionais dos programas de ensino do português. Nem a famigerada concordância verbal, suposto indicativo do saber “inequívoca norma culta”, aparece. Tampouco a regência ou outra questão semelhante, (Antunes, 2003, p. 22).

Dessa forma, percebe-se que as aulas de Língua Portuguesa devem ser contextualizadas, pois é através dos textos e contextos dos alunos, e também se trabalha a oralidade, escrita, leitura e a gramática em sala de aula com ênfase em tornar leitores críticos e passivos no contexto social, em que a escola e esses indivíduos são inseridos. Possibilitando a eles, o entendimento das diferentes formas de expressões linguísticas. Portanto:

A discussão que trago será válida e encontrará aplicabilidade, como foi dito acima, apenas se completada com a reflexão crítica e criativa de cada profissional envolvido no processo de capacitar o cidadão brasileiro para o exercício fluente, adequado e relevante da linguagem verbal, oral e escrita, (Antunes, 2003, p. 35).

Neste sentido, a autora declara que esse novo método de se trabalhar a Língua Portuguesa tem mais eficácia, ao mesmo tempo, nos mostra que não tem como desvincular a oralidade, escrita, leitura e a gramática, ou seja, esses campos estão interligados e não é possível ministrar nenhum desses campos individualmente, de forma isolada. E que um sempre está dependendo do outro para que possamos definir categoricamente a compreensão, das regras entre o texto e a língua. Como aponta Koch (2015):

Afirma que o texto é concebido como uma “frase complexa, signo linguístico primário” (Hartmann, 1968), uma “cadeia pronominalizações ininterruptas”



(Harweg, 1968), uma “sequência coerente de enunciados” (Isenberg, 1971), e uma “cadeia de pressuposições” (Bellert, 1970). (Koch, 2015, p. 3)

Teórico como é o caso de Harweg (1968), que parte das concepções estruturalistas para falar sobre as relações correferenciais. Ele primeiramente apresentou que dentro de duas frases os pronomes se interligavam, destaca-se que o termo pronome dentro do pensamento de Harweg (1968) ganha uma conceituação bem mais ampla, uma vez que Ingedora Koch (2015, p.4), explica que pronome seria qualquer expressão linguística na qualidade de *substituens* que é outra expressão linguística correferência retomada por *substituendum*, em que o texto *em si* é resultado de múltiplos referenciamentos. Tendo em vista, isso, entendemos por correferência, a ligação entre dois ou mais termos de uma frase que tem o mesmo referente, fenômeno esse textual que também foi explicado por Haliday e Hasan (1976), mas que ganhou um novo nome, sendo que eles chamavam essa ligação de pressuponente e pressuposto, que é o processo atualmente denominado de anafóricos e catafóricos.

Compreendemos que anos mais tarde o autor Alemão Isenberg (1968), descobriu uma referência associativa dentro das anáforas, como explicado na próxima frase “ontem houve um casamento. A noiva usava um longo vestido branco”, nessa frase temos uma relação interfrástica através de uma anáfora associativa que não possui um pronome conectivo, portanto temos uma associação entre a palavra “casamento”, “noiva” e “vestido branco”, formando assim, uma anáfora associativa entre os elementos constituintes da frase.

Diante dessa contextualização acerca da trajetória da Linguística Textual, partimos para o primeiro tópico do capítulo chamado “as gramáticas de texto”, o qual explica inicialmente que o conceito de texto como uma unidade linguística mais alta gerou a construção da gramática do texto por parte dos linguistas do gerativismo, os quais tinham como objetivo definir categorias e regras entre o texto e a língua, assim eles elencam pontos para analisar os textos, como apresentado no próximo fragmento:

Verificar o que faz com que um texto seja um texto, ou seja, determinar seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifesta a textualidade. Levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma de suas características essenciais. Diferenciar as várias espécies de texto (Koch, 2015, p. 5).

Seguindo esses pontos Koch vai explicar que a competência textual teve influência da competência linguística chomskana, pois Chomsky explica que todo falante de uma língua é capaz de discernir um texto com sentido/coerente de um texto com aglomerado de palavras que

juntas não atribuem sentido, pois de forma direta existe uma gramática internalizada dentro do sujeito fazendo com que ele seja capaz de discernir textos e atribuir significados. Nessa perspectiva os teóricos gerativistas apontavam novos métodos no momento de analisar os textos, como por exemplo o abandono do método ascendente que estudava a frase para depois chegar no texto, sendo que nessa nova fase eles utilizam o descendente do texto para as unidades menores, tendo bastante cuidado para não perder a função textual dos elementos individuais. Desse modo relata Geraldi (2002):

Assim, a linguagem não é nem simples emissão de sons, nem simples sistema convencional, como quer um certo positivismo, nem tampouco tradução do pensamento, vestimenta de ideias mudas e verdadeiras, como a concebe um pensamento idealista. Pelo contrário, é criação de sentido, encarnação de significados e, como tal, ela dá origem à comunicação (Geraldi, 2002, p.22-23).

Nesse sentido, o texto se torna a unidade linguística mais complexa, apresentando em cada idioma uma gramática textual que estabelece suas regras. Dentro desse contexto da linguagem, expresso pela elaboração das ideias mencionadas acima, destacamos a definição dos significados e dos significantes. O texto, como uma sequência linear de elementos linguísticos que se influenciam mutuamente, constitui o contexto. Além disso, a relação entre a estrutura do texto e o contexto é fundamental. Por fim, introduzimos a teoria da macroestrutura profunda, que garante a coerência, embasada em uma comunicação que sustenta a Linguística Textual. Como aponta Geraldi (2002):

Na medida em que a escola concebe o ensino da língua como simples sistema de normas, conjunto de regras gramaticais, visando a produção correta do enunciado comunicativo culto, lança mão de uma concepção de linguagem como máscara do pensamento que é preciso moldar, domar para, policiando-a, dominá-la, fugindo ao risco permanente de subversão criativa, ao risco do predicar como ato de invenção e liberdade. Por isso, na escola, os alunos não escrevem livremente, fazem redações, segundo determinados moldes; por isso não lêem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e buscam fixar a sua riqueza numa mensagem definida (Geraldi, 2002, p.24).

Observamos que no excerto acima o autor relata sobre os métodos utilizados em sala, acerca da oralidade, percebemos que as estratégias usadas são voltadas para o ensino isolado, pois o texto foi fragmentado e repartido na turma, não promovendo assim uma interação entre os alunos, ambos apenas liam um parágrafo e escutavam o outro colega com a sequência. Tendo em vista esses aspectos a roda de conversa deixou de ser dinâmica, produzindo assim discursos

vazios e fora do contexto dos alunos, nesta percepção compreendemos que a oralidade vem sendo apresentada de forma reducionista, portanto os alunos não desenvolveram as práticas almeçadas pelo professor.

Dessa maneira compreendemos que o ensino da oralidade deve apresentar uma ressignificação, em outras palavras, as práticas de ensino devem ser interativas, estimulando o desenvolvimento da visão de mundo dos estudantes para que eles sejam capazes de se comunicar nas mais diversas esferas sociais, como nos aponta o PCN: “Ensinar língua oral [...] significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo” (Brasil, 1998, p. 51).

É fundamental reconhecer o papel das práticas orais no ensino da língua portuguesa, uma vez que elas permitem que os alunos aprimorem suas habilidades de participar na elaboração de discursos, tanto na forma oral quanto escrita. Portanto, é crucial implementar atividades que estejam conectadas ao contexto social dos estudantes, pois isso favorece um engajamento mais significativo entre o aluno e o texto, promovendo uma interação comunicativa efetiva durante as aulas. Dessa forma, ao integrar práticas orais que refletem a realidade dos alunos, o ensino da Língua Portuguesa torna-se mais relevante e dinâmico. Essa abordagem não só fortalece a capacidade de expressão dos estudantes, mas também os prepara para situações comunicativas do dia a dia, desenvolvendo sua confiança e fluência. Assim, promove um ambiente de aprendizado que valoriza a oralidade é essencial para formar indivíduos críticos e comunicativos, capazes de se expressar com clareza e assertividade em diferentes contextos.

## 5 ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO

A análise da variação linguística e sua influência social na sala de aula do 6º ano do Ensino Fundamental II configura-se como um domínio investigativo de grande relevância para a compreensão das dinâmicas comunicativas que permeiam o ambiente escolar. Durante o processo de observação de 20 aulas, foram coletadas informações que evidenciam como as distintas formas de expressão e uso da língua pelos alunos refletem suas identidades sociais, culturais e étnicas. Essa diversidade linguística, manifestada nas interações cotidianas, não apenas serve como um indicador das vivências dos estudantes, mas também se revela um elemento central no processo de ensino-aprendizagem. Por meio de uma observação atenta, a pesquisa teve como objetivo identificar as implicações das variações linguísticas na interação entre alunos e professores, assim como sua influência na construção do conhecimento no espaço escolar.

O ambiente da sala de aula do 6º ano se configurou como um espaço multifacetado, onde a diversidade cultural e linguística dos alunos se manifestou de maneiras diversas. A disposição das carteiras em fileiras facilitou tanto a visão do quadro quanto a interação direta com o professor, promovendo um ambiente propício ao aprendizado. As paredes estavam adornadas com cartazes educativos e produções dos alunos, criando uma atmosfera acolhedora e estimulante que favorece a criatividade. Além disso, o uso de tecnologias, como projetores e quadros interativos, complementou as metodologias de ensino, promovendo uma abordagem dinâmica e inovadora nas aulas. Nesse cenário, os alunos, oriundos de diferentes contextos sociais, tiveram a oportunidade de expressar suas particularidades linguísticas e culturais, interagindo entre si e com o docente em um ambiente que incentivou o diálogo e a troca de experiências significativas.

As observações foram realizadas a um período de duas semanas de aula, no qual se buscou compreender a interação linguística entre os alunos e a influência de suas distintas origens sociais. Durante as aulas, foi possível identificar uma variedade de estilos de fala, gírias e modos de se expressar que revelaram a diversidade de experiências dos alunos fora da sala de aula. Essa pluralidade linguística não apenas enriqueceu as discussões em sala, mas também trouxe à tona questões sociais pertinentes, como preconceitos e estigmas associados a determinados modos de falar. O professor, ao conduzir as atividades, demonstrou uma sensibilidade às variações linguísticas, promovendo um espaço de respeito e valorização das identidades dos alunos. Assim, o contexto das observações propiciou uma análise abrangente

das interações sociais mediadas pela linguagem, evidenciando como a variação linguística pode influenciar e refletir a dinâmica intrínseca da sala de aula.

As 20 aulas observadas foram conduzidas em uma escola pública situada em um contexto urbano na cidade Patu RN, onde a diversidade étnica e socioeconômica da população estudantil é bastante pronunciada, refletindo uma rica variação linguística. A turma era composta por aproximadamente 30 alunos, todos cursando o 6º ano do Ensino Fundamental II. O foco das aulas estava centrado na disciplina de Língua Portuguesa, abrangendo temas que incluíam a gramática, a produção textual e a análise de gêneros textuais. As aulas foram estruturadas de forma a proporcionar um equilíbrio entre teoria e a prática, utilizando uma abordagem pedagógica que privilegiava a participação ativa dos alunos. O docente empregou metodologias diversificadas, que incluíam discussões em grupo, atividades práticas e o uso de recursos audiovisuais, favorecendo um ambiente dinâmico e interativo.

Durante o período de observação, as aulas ocorreram em um espaço físico que favoreceu a interação e o aprendizado colaborativo. A sala de aula, equipada com tecnologia como notebook e projetor portátil, permitiu a apresentação de conteúdos de forma visual e atraente. O mobiliário era flexível, permitindo diferentes arranjos de acordo com as atividades planejadas, o que estimulou tanto a aprendizagem individual quanto a interação em grupo. Os alunos puderam, assim, se movimentar e se organizar conforme as exigências das atividades, o que contribuiu para a criação de um ambiente propício ao aprendizado. A diversidade de contextos familiares e culturais dos alunos se refletiu em suas formas de interagir e se comunicar, possibilitando a observação de como a variação linguística se manifestou em diferentes situações de ensino.

As aulas foram realizadas ao longo de um semestre letivo, em encontros semanais que variavam em duração entre 45 minutos e 1 hora. Cada aula abordava um tema específico, o que possibilitou uma exploração das questões linguísticas e sociais. As atividades foram planejadas para promover não apenas a aquisição de conhecimento gramatical, mas também a reflexão crítica sobre o uso da linguagem no cotidiano dos alunos. O professor desempenhou um papel central ao mediador do conhecimento, utilizando estratégias que encorajavam os alunos a expressar suas opiniões e experiências, criando assim um espaço onde a variação linguística pôde ser observada de maneira significativa. Essa dinâmica permitiu que os alunos se vissem representados em suas formas de falar, favorecendo a construção de um ambiente educacional inclusivo e respeitoso.

Dessa forma, o propósito das observações realizadas esteve centrado na investigação da dinâmica da variação linguística e sua influência social na sala de aula, visando compreender

de que maneira essas interações moldam e transformam o ambiente de aprendizado. A escolha de observar aulas de Língua Portuguesa no 6º ano fundamentou-se na necessidade de explorar como as particularidades linguísticas dos alunos, oriundas de seus diversos contextos sociais e culturais, interagem com as práticas pedagógicas do docente. Por meio de uma abordagem etnográfica, a pesquisa não se limitou ao registro das manifestações linguísticas dos estudantes, mas propôs uma análise crítica da relevância dessas expressões no processo de ensino-aprendizagem. Este enfoque contribuiu para uma reflexão mais abrangente sobre a inclusão e o respeito à diversidade, elementos cruciais para a construção de um ambiente escolar que valorize as múltiplas identidades dos alunos.

A decisão de observar essas aulas surgiu do reconhecimento da variação linguística como um fator significativo que influencia as relações interpessoais e a construção do conhecimento no contexto escolar. As expectativas iniciais estavam voltadas para a identificação das diferentes formas de expressão dos alunos e a análise de como suas experiências e identidades se refletiam em suas práticas comunicativas. Ao longo das 20 aulas, buscou-se não apenas entender as manifestações da variação linguística, mas também investigar de que forma essas práticas interativas impactavam a dinâmica da sala de aula, revelando questões sociais e culturais que permeavam o cotidiano dos estudantes. Assim, a intenção foi estabelecer uma análise abrangente que pudesse iluminar a complexidade das interações linguísticas e suas implicações na formação de um ambiente educacional inclusivo e respeitoso, promovendo uma educação que reconhecesse e valorizasse a diversidade como um ativo essencial ao processo de aprendizagem.

As observações foram realizadas de maneira sistemática e metódica, ao longo de um semestre letivo, com a intenção de captar as dinâmicas de interação linguística que emergiram no contexto escolar. Cada aula foi acompanhada de forma presencial, permitindo a anotação de detalhes sobre a comunicação verbal e não verbal, além de interações sociais entre os alunos e entre estes e o professor. As observações ocorreram em um ambiente de bastante aprendizado, onde se buscou registrar as práticas pedagógicas em ação, as respostas dos alunos e os contextos em que as variáveis linguísticas se manifestaram.

Embora o escopo das observações abrangesse um panorama mais amplo das interações em sala de aula, houve um foco particular em aspectos específicos que se destacavam durante as aulas. Em primeiro lugar, a atenção foi direcionada para o comportamento dos alunos, buscando compreender como suas expressões linguísticas variam em diferentes situações de interação. Além disso, foi observada a metodologia de ensino utilizada pelo docente, com ênfase nas estratégias empregadas para engajar os alunos e promover a participação ativa. A interação

entre o professor e os alunos também foi um ponto central de interesse, já que essa dinâmica é fundamental para o processo de aprendizado e para a criação de um ambiente de respeito e valorização da diversidade linguística.

As observações revelaram uma gama diversificada de comportamentos e práticas comunicativas. Notou-se que os alunos apresentavam diferentes estilos de fala, que variavam conforme o contexto da aula e a natureza das atividades propostas. Durante discussões em grupo, alguns estudantes se mostraram mais à vontade para expressar suas opiniões, utilizando gírias e expressões informais que refletiam suas identidades sociais. Em contrapartida, outros demonstraram hesitação, preferindo um estilo de comunicação mais formal, especialmente em momentos em que eram solicitados a apresentar suas produções textuais. O professor, por sua vez, fez um esforço consciente para integrar todas as formas de expressão na discussão, valorizando a diversidade linguística dos alunos e promovendo um diálogo aberto. Esse ambiente propício à troca de ideias e experiências permitiu que as manifestações da variação linguística fossem não apenas observadas, mas também respeitadas e incentivadas dentro do contexto escolar.

As observações ocorreram de maneira metódica ao longo de um semestre letivo, com uma frequência semanal que possibilitou uma análise detalhada das interações linguísticas em sala de aula. Essa periodicidade foi criteriosamente escolhida para garantir a captura de variações linguísticas em contextos diversos e para facilitar a identificação de padrões comportamentais e interativos que se manifestaram ao longo das semanas. Em um total de cinco semanas, foram acompanhadas 20 aulas, oferecendo uma demonstração robusta para a investigação das práticas pedagógicas e das expressões linguísticas dos alunos.

Para registrar os eventos observados, foram utilizados cadernos pessoais, nos quais foram anotadas as ocorrências durante ou após cada aula. Esse método de registro permitiu uma documentação minuciosa das interações, com anotações detalhadas sobre as falas dos alunos, as intervenções do professor e o clima geral da sala de aula. As observações foram organizadas em categorias temáticas, facilitando uma análise crítica e reflexiva sobre as dinâmicas observadas. Essa metodologia não apenas assegurou a rigorosidade dos dados obtidos, mas também favoreceu uma análise mais holística e contextualizada das variáveis em jogo, permitindo um exame detalhado das complexas interações linguísticas observadas no ambiente escolar. A partir dessa base sólida, a análise descritiva das observações revela nuances significativas que permeiam as interações dos alunos e do professor, oferecendo uma visão aprofundada das dinâmicas comunicativas que caracterizam o espaço educacional.

A análise da sequência didática proposta para o 6º ano do Ensino Fundamental II sobre a variação linguística demonstra uma abordagem metódica e enriquecedora, que busca não apenas a compreensão das múltiplas formas de expressão da língua portuguesa, mas também a valorização da diversidade linguística presente na sociedade. Ao longo do processo, as observações foram agrupadas em três focos principais: o comportamento dos alunos durante as atividades, sua interação com os conteúdos abordados e a evolução do interesse ao longo das aulas. Essa organização permitiu identificar como o ambiente de aprendizado foi progressivamente enriquecido pela participação ativa dos estudantes, que demonstraram crescente envolvimento e curiosidade.

Além disso, a interação constante entre professor e alunos contribuiu para um clima de acolhimento e incentivo à reflexão, criando uma dinâmica que favoreceu o desenvolvimento de um olhar crítico sobre as diferentes formas de variação linguística e suas implicações sociais. Os alunos apresentam um comportamento participativo e engajado desde o início do processo. Ao serem apresentados ao tema das variedades linguísticas, a curiosidade é palpável. O professor, ao questionar sobre as experiências prévias dos alunos com estações de rádio, cria um ambiente de troca de vivências que favorece a interação. Durante a escuta dos programas de rádio, a maioria dos alunos demonstra atenção e interesse, registrando expressões que geram dúvidas.

Essa prática de observação crítica não só estimula a percepção auditiva, mas também estabelece um espaço de acolhimento onde os alunos se sentem à vontade para compartilhar suas descobertas. Ao longo da exploração das gírias, o comportamento dos alunos se mostra ainda mais colaborativo. A apresentação dos resultados da pesquisa sobre gírias antigas, realizada com familiares, transforma-se em um diálogo rico, no qual as contribuições individuais dos alunos são valorizadas. A atividade de registro das gírias em papel Kraft não apenas organiza as informações, mas também revela a diversidade de expressões linguísticas que permeiam suas vidas.

A interação dos alunos com os conteúdos é dinâmica e reflexiva. Desde a introdução das variedades da língua falada, os alunos são desafiados a questionar e analisar as diferentes expressões que escutam. A atividade de escuta não é apenas um exercício passivo; ao contrário, é uma oportunidade de análise crítica que os alunos abraçaram com entusiasmo. As discussões que se seguem à audição demonstram uma rica troca de ideias, evidenciando uma compreensão inicial da pluralidade de usos linguísticos e suas implicações sociais. Durante essas trocas, os alunos começam a perceber que a língua falada carrega em si uma multiplicidade de significados, que vai além do aspecto funcional da comunicação, envolvendo também questões



identitárias e culturais. Essa percepção inicial serve de base para as reflexões posteriores, permitindo que os estudantes, gradualmente, ampliem seu entendimento sobre as formas de variação linguística e como essas estão diretamente conectadas aos diferentes contextos sociais e históricos.

A abordagem das gírias possibilita uma interação mais densa e crítica com o conteúdo, à medida que os alunos compartilham suas investigações e experiências pessoais. A utilização do vídeo do rapper Emicida como recurso pedagógico estabelece uma ponte significativa entre a linguagem formal e a linguagem cotidiana, permitindo que os discentes identifiquem a importância das gírias no tecido cultural contemporâneo. Esse cenário incita debates vigorosos, nos quais os estudantes não apenas traçam paralelos entre as gírias de épocas distintas, mas também analisam a dimensão social dessas expressões linguísticas. A observação das gírias em variados contextos contribui para a percepção de que a linguagem se encontra em contínuo processo de transformação, moldando-se às demandas e às identidades de grupos específicos.

Ademais, essa interação com a cultura popular e com as gírias reforça o sentimento de pertencimento dos alunos, levando-os a compreender a língua como um organismo dinâmico e vibrante, capaz de refletir e preservar a pluralidade cultural que os circunda. A evolução do interesse dos alunos é notável ao longo da sequência didática. Inicialmente, a curiosidade é despertada através da escuta ativa e das discussões sobre as variedades da língua. À medida que os alunos mergulham no universo das gírias, o entusiasmo cresce, refletindo-se nas trocas e na análise crítica das expressões coletadas. O registro visual das gírias em papel Kraft simboliza não apenas a diversidade linguística, mas também o envolvimento emocional dos alunos com o tema.

Ao longo das aulas observadas, tornou-se evidente que as interações sociais entre os alunos desempenham um papel crucial na formação do clima da sala de aula. O ambiente era permeado por laços de amizade que favoreciam a colaboração e o engajamento, contribuindo para um espaço de aprendizado mais acolhedor. Por outro lado, momentos de competição saudável surgiram, especialmente durante atividades em grupo, gerando uma dinâmica que, embora competitiva, não desestimulou a cooperação. Essa interação entre amizade e competição resultou em um equilíbrio que não só aumentou a disposição dos alunos para participar, mas também fomentou um sentimento de pertencimento, vital para o engajamento e a motivação no processo educativo. Essa relação harmoniosa entre a colaboração e a competição revela como um clima social positivo pode influenciar a aprendizagem e a participação ativa dos estudantes.

Além disso, a percepção de apoio emocional entre os estudantes foi observada como um fator determinante na disposição para aprender. Quando um aluno enfrentava dificuldades, era comum notar colegas oferecendo ajuda, criando uma rede de suporte que fortalecia a coesão grupal. Essa solidariedade não apenas auxiliou na superação de desafios individuais, mas também solidificou a ideia de que o sucesso acadêmico é um esforço coletivo. A construção desse ambiente colaborativo possibilitou que os alunos se sentissem mais seguros para compartilhar suas experiências e opiniões, promovendo um aprendizado mais significativo. Assim, as interações positivas e o apoio mútuo se mostraram fundamentais para a criação de uma atmosfera escolar propensa à aprendizagem efetiva e à construção de relações interpessoais saudáveis.

No entanto, durante as aulas, foram identificadas diversas barreiras emocionais que influenciavam o desempenho dos alunos. Entre os fenômenos mais comuns estavam a ansiedade, a desmotivação, e o medo, que se manifestaram em momentos de avaliação e em atividades desafiadoras. A resistência de alguns alunos a participar, seja por medo de errar ou por insegurança quanto à sua capacidade de contribuir, destacou a fragilidade do estado emocional de certos estudantes. Essas barreiras emocionais interferiram na dinâmica da sala, reduzindo o potencial de interação e aprendizado. Compreender essas dificuldades não apenas revela a complexidade da experiência escolar, mas também aponta para a necessidade de estratégias que promovam um espaço de aprendizado mais seguro e encorajador.

Nesse sentido, a observação dessas reações permitiu uma compreensão mais profunda das dificuldades que certos alunos enfrentam no ambiente escolar. Ao identificar as barreiras emocionais, ficou evidente que o ambiente escolar, embora potencialmente positivo, também pode ser fonte de estresse e insegurança para alguns. Essa dualidade ressalta a importância de os educadores adotarem abordagens que não apenas reconheçam os aspectos sociais da aprendizagem, mas também abordam as questões emocionais de forma sensível e eficaz. Portanto, é essencial que se busquem soluções que integrem apoio emocional e desenvolvimento acadêmico, criando assim um espaço de aprendizado verdadeiramente inclusivo e propício ao crescimento de todos os estudantes.

De forma contínua, na fase final da sequência didática, o debate sobre a norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio conduz os alunos a uma análise mais crítica do preconceito linguístico. Nesse momento, os discentes demonstram uma capacidade ampliada de reconhecer as diferentes formas de comunicação que utilizam em suas interações digitais, evidenciando uma compreensão mais sofisticada dos modos de expressão e de como eles se articulam em diversos contextos sociais. Além disso, a identificação das múltiplas formas de falar, associada

ao respeito pela diversidade linguística, revela um amadurecimento cognitivo que transcende a mera aquisição de conhecimento teórico, envolvendo a internalização de valores sociais.

Em complemento a essa abordagem, a participação dos alunos nas discussões não apenas sinaliza um engajamento crescente, mas também reflete o desenvolvimento de suas habilidades oratórias e argumentativas. Com isso, o espaço da sala de aula se transforma em um ambiente de troca intelectual, onde o conhecimento é construído coletivamente e as perspectivas individuais são valorizadas. O processo avaliativo, por sua vez, ocorre de maneira contínua, permitindo que o professor acompanhe o progresso dos alunos de forma integral. A avaliação não se restringe à verificação de conteúdos memorizados, mas se estende à observação da capacidade dos alunos de articular pensamentos críticos e participar ativamente das discussões. A qualidade das exposições orais, somada à profundidade das reflexões produzidas, evidencia que os estudantes estão não apenas compreendendo os conceitos abordados, mas também relacionando-os a questões sociais mais amplas, como o preconceito linguístico e a diversidade cultural.

Outro aspecto relevante dessa dinâmica é a introdução da autoavaliação, que estimula os alunos a refletirem sobre sua trajetória de aprendizagem. Essa prática fomenta uma postura autônoma e crítica, permitindo que os discentes identifiquem seus próprios avanços e desafios ao longo do processo. Dessa forma, o entendimento da importância da diversidade linguística se consolida de maneira não apenas teórica, mas prática, à medida que os alunos percebem a relevância de respeitar as múltiplas formas de expressão da Língua Portuguesa em seus contextos sociais e culturais.

É válido ressaltar que, ao longo do desenvolvimento da sequência didática desenvolvida pelo professor, alguns eventos revelaram-se especialmente significativos para a compreensão do impacto da variação linguística no contexto social da sala de aula. Um desses momentos ocorreu durante a análise das variedades da língua falada, em que os alunos foram desafiados a identificar diferenças linguísticas em programas de rádio de diferentes regiões. Ao final da atividade, ficou evidente que a pluralidade das vozes e sotaques suscitou nos alunos uma reflexão crítica sobre as suas próprias formas de falar e como elas se inserem em um contexto mais amplo. A condução do professor, ao fomentar a troca de experiências pessoais sobre as interações cotidianas com a língua, resultou em um ambiente colaborativo e acolhedor, onde os alunos se sentiram à vontade para compartilhar suas percepções.

Além disso, o uso de gírias, como parte da variação linguística, também se destacou como um elemento relevante, especialmente ao permitir que os alunos reconhecessem a dimensão social da linguagem. Outro momento que se mostrou emblemático foi a discussão

sobre a norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio, onde o preconceito linguístico emergiu como tema central. A capacidade dos alunos de analisar as suas interações digitais e compará-las com as exigências formais da norma-padrão revelou uma compreensão ampliada da linguagem enquanto instrumento de poder e exclusão social.

A observação das metodologias empregadas em sala de aula demonstrou, com clareza, a eficácia das abordagens didáticas adotadas ao longo do processo. A combinação de técnicas expositivas com atividades práticas favoreceu a participação ativa dos alunos, especialmente no momento em que foram desafiados a realizar análises comparativas entre diferentes registros linguísticos. O uso de exemplos concretos, como áudios e vídeos de múltiplos sotaques e gírias, permitiu que os estudantes se vissem representados, aumentando significativamente o engajamento. Não obstante, foi perceptível que a diversidade das atividades propostas, ao invés de gerar dispersão, contribuiu para um ambiente de aprendizado mais dinâmico e integrador, no qual os alunos demonstraram maior disposição para participar das discussões e reflexões críticas.

A conexão entre o conteúdo das aulas e a vida cotidiana dos alunos emerge como um elemento fundamental para a efetividade do aprendizado. Observou-se que os temas dos preconceitos linguísticos discutidos nas aulas, quando relacionados às experiências práticas dos estudantes, tendem a gerar um maior interesse e engajamento. Por exemplo, ao abordar questões sociais contemporâneas, muitos alunos se mostraram mais dispostos a participar das discussões, uma vez que as problemáticas apresentadas ressoavam com suas vivências pessoais e o contexto de sua comunidade. Essa relevância temática se traduziu em um ambiente de aprendizado mais dinâmico e interativo, onde as contribuições dos alunos enriqueceram as discussões e proporcionaram diferentes perspectivas.

Além disso, ao avaliar as respostas dos alunos durante as aulas, ficou claro que a conexão com suas realidades sociais e culturais influencia diretamente a forma como absorvem e interpretam o conteúdo. Muitos estudantes trouxeram exemplos de suas vidas que ilustravam os conceitos discutidos, demonstrando uma clara relação entre teoria e prática. Por outro lado, em algumas situações, certos tópicos foram percebidos como distantes ou irrelevantes, levando a um desinteresse notável entre os alunos. Esse afastamento ressalta a importância de um planejamento curricular que leve em conta as especificidades e demandas dos estudantes, a fim de promover uma educação mais inclusiva e significativa.

Ademais, a análise das experiências dos alunos revela que, quando o conteúdo se alinha às suas realidades, a motivação para aprender aumenta consideravelmente. Em discussões sobre temas como diversidade cultural e identidade, muitos alunos compartilharam suas histórias,

proporcionando um espaço para a validação de suas experiências. Esse compartilhamento não só fortaleceu a empatia entre os colegas, mas também favoreceu um ambiente de respeito e abertura para diferentes pontos de vista. Portanto, a relevância do conteúdo abordado não se limita apenas à teoria; ela deve ser concretizada na prática, possibilitando que os alunos se reconheçam e se sintam parte integrante do processo educativo.

Finalmente, a conexão com a vida cotidiana se revela como uma estratégia eficaz para promover a aprendizagem significativa. Quando os alunos percebem que o que estão aprendendo possui aplicação em suas vidas, há um impulso natural para a participação ativa e a busca por mais conhecimento. A inclusão de atividades que incluem teoria e prática, como projetos comunitários ou debates sobre questões locais, pode ampliar essa conexão e torná-la ainda mais relevante. Assim, ao focar em temas que refletem as realidades sociais e culturais dos estudantes, é possível criar um ambiente de aprendizado enriquecedor, onde cada aluno se sente valorizado e motivado a contribuir com suas experiências pessoais.

No tocante às estratégias expositivas, verificou-se que essas não apenas mantiveram o interesse dos alunos, mas também proporcionaram um aprofundamento teórico essencial para a compreensão dos temas abordados. A clareza e a organização das explicações, associadas à contextualização histórica e social da variação linguística, facilitaram a construção de conhecimento de forma progressiva. Essa abordagem, entretanto, não se limitou à mera transmissão de conteúdo. Pelo contrário, o professor incentivou constantemente a reflexão crítica e o questionamento, instigando os alunos a correlacionarem suas próprias vivências linguísticas com as teorias apresentadas. Essa prática dialoga com as proposições de autores como Ramos (2011), cujas contribuições do mesmo sobre a relação entre língua e poder social revela que língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento de poder, sendo moldada pelas relações sociais e políticas que a envolvem.

Outro aspecto relevante foi o impacto das atividades práticas, as quais evidenciaram a importância de um planejamento de aula que privilegie a interação e o envolvimento dos alunos. Ao longo do processo, tornou-se claro que a estrutura organizada do planejamento, ao prever momentos de análise crítica e exercícios de reflexão, permitiu que as discussões fluíssem de maneira mais coerente e articulada. Assim, a relevância de um planejamento detalhado, mostrou-se fundamental para garantir a eficácia das metodologias aplicadas. Ao refletir sobre o papel do planejamento no sucesso das atividades, percebe-se que o alinhamento entre teoria e prática, associado à flexibilidade pedagógica, foi um dos fatores que mais contribuiu para o êxito do processo de aprendizagem.

Os efeitos das estratégias de ensino empregadas também se refletiram na forma como os alunos passaram a se posicionar frente à diversidade linguística. O estudo da história e evolução da língua portuguesa, abordado tanto sob uma perspectiva diacrônica quanto sincrônica, permitiu que os estudantes compreendessem o caráter multifacetado da língua. A partir das discussões sobre a origem românica do português e sua interação com outras línguas ao longo dos séculos, como o galego-português e o árabe, os alunos começaram a perceber a língua como um fenômeno em constante transformação. Esse entendimento teórico, aliado às reflexões sobre as influências culturais e sociais que moldaram a língua ao longo da história, foi fundamental para que os alunos pudessem fazer conexões com as realidades contemporâneas, como as variações regionais e a influência das mídias digitais na linguagem atual.

Por fim, foi possível observar que a interação entre os métodos de ensino e os resultados obtidos apontam para uma dinâmica que vai além da simples transmissão de conteúdo. A valorização das variações linguísticas e a promoção do respeito pela diversidade evidenciaram-se como aspectos centrais na formação de uma consciência crítica nos alunos, o que se alinha com os princípios de Paulo Freire (1967) sobre educação libertadora. Assim, as metodologias e estratégias aplicadas não apenas facilitaram o aprendizado, mas também promoveram um espaço de reflexão sobre questões mais amplas, como o papel da linguagem na construção da identidade e das relações de poder sociais.

Durante o processo de observação, diversos desafios emergiram, particularmente relacionados à natureza subjetiva das percepções e interpretações. Um dos principais obstáculos foi a dificuldade em capturar aspectos sutis da interação entre língua e fala. A dinâmica das conversas, frequentemente permeada por contextos sociais e emocionais, mostrou-se complexa e, em várias ocasiões, certos comportamentos ou expressões verbais passaram despercebidos, dificultando uma análise mais abrangente. Além disso, a influência das minhas próprias expectativas e pressupostos sobre o que constitui uma prática linguística “adequada” pode ter distorcido algumas interpretações, levando a uma leitura enviesada dos fenômenos observados.

Essa intersecção entre a observação objetiva e a interpretação subjetiva destaca a necessidade de uma reflexão crítica constante ao se analisar a linguagem em ação, pois a realidade linguística é multifacetada e não pode ser completamente apreendida sem considerar as variáveis contextuais e pessoais que a influenciam. Assim, a experiência de ser um observador nos fenômenos da língua e da fala revela não apenas os desafios inerentes à prática, mas também a importância de uma abordagem metodológica reflexiva que reconheça as limitações e os vieses do observador.

A necessidade premente de reconhecimento e valorização das variações linguísticas e suas implicações sociais no contexto escolar é de suma importância. As interações entre língua e fala, especialmente em ambientes multiculturais e multilíngues, demandam uma investigação aprofundada, evidenciando a relevância de se reconhecer a diversidade linguística e cultural no processo educativo. Essa diversidade não apenas enriquece a experiência de aprendizagem, mas também reflete as complexidades das realidades sociais que permeiam a vida dos estudantes, influenciando diretamente a construção de suas identidades. De acordo com Antunes (2003), as abordagens tradicionais do ensino da Língua Portuguesa frequentemente resultaram em uma descontextualização da linguagem, impedindo que os alunos expressassem suas habilidades tanto na oralidade quanto na escrita.

A variação linguística emerge como um fenômeno que revela não apenas a riqueza da língua, mas também as desigualdades sociais presentes na sociedade brasileira. Os diferentes dialetos e modos de expressão do português falado no Brasil são indissociáveis de fatores sociais, culturais e históricos, resultando em uma tapeçaria linguística complexa e multifacetada. Nesse sentido, a análise das interações linguísticas deve contemplar a forma como essas variações impactam a construção das identidades dos alunos, como enfatizado por Koch (2015), que destaca a importância de compreender o texto como uma unidade linguística que reflete múltiplas referências e contextos.

Outro aspecto relevante é o preconceito linguístico, que pode emergir quando as práticas linguísticas dos alunos não se alinham às normas da língua culta. A conscientização sobre as diferentes maneiras de falar e os estereótipos linguísticos é essencial para promover um ensino que não apenas valorize a norma culta, mas que também respeite e legitime as variantes populares. Esse conceito é apoiado por Geraldi (2002), que critica a abordagem tradicional do ensino da língua como um sistema rígido de normas, defendendo uma prática educativa que valorize a diversidade e a criatividade na linguagem.

A promoção de uma educação que reconheça e valorize a diversidade linguística é fundamental para assegurar um ambiente inclusivo. A pesquisa sobre práticas linguísticas e suas relações com as identidades sociais dos alunos se torna, assim, uma ferramenta crucial para a construção de um ensino mais equitativo, que respeite as singularidades dos sujeitos e suas expressões. O reconhecimento da riqueza da diversidade linguística é, portanto, um passo essencial para a formação de uma educação que realmente atenda às necessidades de todos os alunos, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e igualitário. Como salienta o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino da língua oral deve desenvolver a

capacidade dos alunos de se comunicar de forma eficaz em diversas esferas sociais, reconhecendo que a linguagem é um instrumento de inclusão e participação na sociedade.

A busca por um ambiente escolar mais eficaz e envolvente exige ajustes práticos que potencializam a experiência de aprendizado dos alunos. Para iniciar, a promoção de uma interação mais intensa entre professores e estudantes pode resultar em um ambiente de sala de aula mais dinâmico. Isso pode ser concretizado por meio de atividades que incentivem o diálogo e a troca de ideias, como discussões em grupo, questionamentos abertos e debates sobre temas relevantes. Tal abordagem não apenas estimula a participação ativa dos alunos, mas também fortalece a relação professor-aluno, tornando-a mais colaborativa. Uma sala de aula em que os alunos se sentem à vontade para expressar suas opiniões e questionamentos tende a ser mais produtiva e inspiradora, criando um espaço propício para o aprendizado significativo.

Além disso, a adoção de práticas pedagógicas desenvolvida pelo professor, pode enriquecer a experiência educacional. A implementação de metodologias ativas, que promovem o protagonismo dos alunos, como o aprendizado baseado em projetos, tem o potencial de transformar a abordagem do conteúdo. Ao permitir que os alunos se envolvam em pesquisas e desenvolvam soluções para problemas reais, a aprendizagem se torna mais significativa e contextualizada. Essa prática estimula a criatividade e prepara os alunos para enfrentarem desafios do mundo real, tornando o ensino mais relevante e aplicável à sua vida cotidiana.

A flexibilidade no formato das aulas também se mostra uma mudança benéfica. A alternância entre aulas expositivas e práticas pode manter o interesse dos alunos, permitindo que explorem o conteúdo de diferentes maneiras. A integração de atividades práticas, como dramatizações, exposições ou experimentos, contribui para a concretização do conhecimento teórico. Essas práticas ajudam a consolidar o aprendizado, tornando-o mais palpável e acessível, além de propiciar um ambiente de aula mais envolvente e dinâmico.

Outro aspecto importante é a incorporação de tecnologia no processo de ensino-aprendizagem. A utilização de ferramentas digitais, como plataformas educacionais, aplicativos interativos e recursos audiovisuais, pode facilitar a assimilação de conteúdos complexos. Quando utilizadas de maneira adequada, essas tecnologias não apenas capturam a atenção dos alunos, mas também ampliam suas possibilidades de aprendizado. O uso de recursos multimídia torna as aulas mais atrativas, adaptando-se ao perfil de aprendizado de cada estudante e promovendo uma abordagem mais personalizada do ensino.

Ao refletir sobre como essas barreiras foram abordadas, notou-se que o professor adotou algumas medidas para mitigar os efeitos negativos da ansiedade e da resistência. No entanto, em algumas situações, as estratégias não foram suficientemente eficazes, levando a uma



permanência dessas dificuldades. Essa experiência evidenciou a importância de um olhar atento e sensível às necessidades emocionais dos alunos, bem como a necessidade de capacitação dos educadores para lidar com questões emocionais no ambiente escolar. Reconhecer e endereçar essas barreiras não apenas enriquece o processo de ensino-aprendizagem, mas também contribui para o bem-estar emocional dos estudantes, criando um espaço de aprendizado mais inclusivo e produtivo.

Ademais, é imprescindível criar um ambiente inclusivo e acolhedor, onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados. Isso envolve o reconhecimento e a adequação às diferentes necessidades e estilos de aprendizagem presentes na sala de aula. Práticas como a diferenciação pedagógica, que consiste em adaptar as estratégias de ensino de acordo com as particularidades de cada aluno, podem garantir que todos tenham acesso ao conhecimento. Essa abordagem não só beneficia os alunos com dificuldades, mas também aqueles que buscam desafios adicionais, promovendo um ambiente mais equitativo e justo.

Por último, a formação contínua dos educadores é crucial para a implementação dessas mudanças. Investir na capacitação e na atualização profissional permite que os professores desenvolvam novas competências e abordagens pedagógicas, contribuindo para a melhoria do ambiente escolar. Workshops, seminários e intercâmbios de experiências são formas eficazes de fomentar um ambiente de aprendizado colaborativo entre os educadores, refletindo diretamente na qualidade do ensino oferecido aos alunos. Ao adotar essas recomendações práticas, as escolas podem se tornar espaços mais eficazes, interativos e inclusivos, evidenciando um comprometimento real com a educação de qualidade e o desenvolvimento integral dos alunos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais da presente investigação, que examinou a variação linguística e sua repercussão social na sala de aula do 6º ano do Ensino Fundamental II, evidenciam uma análise das interações linguísticas que permeiam o ambiente educacional. Por meio da coleta de dados e da revisão teórica, tornou-se evidente como as distintas variantes linguísticas presentes entre os alunos influenciam não apenas seu aprendizado, mas também suas interações sociais. A análise demonstrou que, embora as variações linguísticas constituam expressões naturais da diversidade cultural, elas frequentemente resultam em estigmatizações e exclusões que comprometem a equidade no espaço escolar. Portanto, é imperativo implementar uma abordagem pedagógica que valorize e integre essa diversidade, criando um ambiente inclusivo e respeitoso.

Ao refletir sobre os resultados obtidos, consideramos que a pesquisa contribuiu de maneira significativa para o campo da educação linguística, ao apresentar estratégias práticas que podem ser adotadas por educadores no manejo das variações linguísticas em sala de aula. A valorização das distintas formas de expressão dos alunos não apenas enriquece o processo de ensino-aprendizagem, mas também fortalece a autoestima dos estudantes, reconhecendo suas identidades. Nesse sentido, a contribuição deste trabalho reside na proposta de uma prática pedagógica que considere a pluralidade linguística como um recurso, em vez de um entrave. Dessa forma, espera-se que esta pesquisa sirva de inspiração para novas investigações e reflexões sobre a interrelação entre linguagem, cultura e educação, contribuindo para um ensino mais inclusivo e sensível às diversidades linguísticas e sociais.

A investigação ressaltou a importância da variação linguística no contexto brasileiro, evidenciando como essa diversidade reflete as complexas dinâmicas sociais, culturais e históricas do país. As discussões teóricas e análises apresentadas corroboram a ideia de que a linguagem é um fenômeno dinâmico e multifacetado, influenciado por fatores que transcendem a norma culta. O preconceito linguístico, ao desconsiderar variantes não padronizadas, opera como um mecanismo de exclusão social, revelando desigualdades históricas que permeiam a sociedade. Assim, a compreensão da pluralidade linguística é essencial para desmistificar preconceitos e promover um ensino verdadeiramente inclusivo e democrático.

Os resultados obtidos sinalizam a urgência de se adotar uma abordagem pedagógica que valorize as diversas formas de comunicação, especialmente no ambiente escolar, onde o ensino da Língua Portuguesa costuma se fundamentar em padrões rígidos da norma culta. A incorporação de práticas que reconheçam a legitimidade das variantes linguísticas não apenas

enriquece o processo educativo, mas também favorece a inclusão social. A relevância deste tema reside, portanto, em sua capacidade de contribuir para a desconstrução de estigmas relacionados à linguagem e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, na qual todas as formas de expressão sejam devidamente valorizadas e respeitadas.

Os resultados deste estudo sintetizam os pontos centrais discutidos ao longo da pesquisa, apresentando resultados significativos em relação à análise crítica do ensino da Língua Portuguesa. O trabalho destacou a necessidade de integrar práticas de oralidade, leitura e escrita de maneira contextualizada, valorizando a interação entre estudantes e conteúdo. Com base em teóricos como Antunes (2003), Koch (2015) e Geraldi (2002), a pesquisa evidenciou que o ensino da língua não deve ser fragmentado, devendo contemplar as diversas competências linguísticas de forma interligada. A abordagem proposta privilegia tanto a expressão oral quanto a escrita como formas essenciais de comunicação e construção de significado, estabelecendo uma prática pedagógica mais eficiente e inclusiva.

Os achados demonstraram que a adoção de práticas interativas e contextualizadas no ensino de Língua Portuguesa contribui significativamente para o desenvolvimento de alunos críticos e atuantes nas diversas esferas sociais. Ao romper com métodos tradicionais que tratam a linguagem de maneira descontextualizada, a pesquisa revelou que estratégias dinâmicas, que promovem a participação ativa dos estudantes, são fundamentais para consolidar o aprendizado. Ademais, a compreensão de que as competências linguísticas se complementam reforça a importância de um ensino integrado, permitindo ao aluno uma compreensão mais ampla do uso da língua e tornando-o apto a atuar de forma reflexiva e consciente.

Em última análise, este trabalho sublinha a relevância do tema para a educação contemporânea, enfatizando que o ensino de Língua Portuguesa deve ser reexaminado sob uma ótica mais abrangente e crítica. O estudo demonstrou que práticas pedagógicas atualizadas, que integram a oralidade, a leitura e a escrita, não apenas aprimoram a capacidade comunicativa dos alunos, mas também os preparam para enfrentar os desafios do mundo moderno. Dessa forma, a promoção de um ensino mais contextualizado e interativo contribui de forma significativa para a formação de cidadãos aptos a compreender e atuar no contexto social, valorizando a diversidade linguística e reconhecendo o papel transformador da educação.

A análise da variação linguística e sua influência social na sala de aula do 6º ano do Ensino Fundamental II revelou-se uma investigação de suma importância, não apenas para a compreensão das dinâmicas de ensino, mas também para a valorização das identidades dos alunos. Por meio de observações de 20 aulas, foi possível identificar como as expressões linguísticas dos estudantes refletem suas vivências e contextos sociais. A interação entre

professor e alunos, marcada por um ambiente inclusivo, promoveu o respeito à diversidade linguística e fomentou discussões ricas acerca de questões sociais pertinentes. Essa abordagem não apenas enriqueceu o aprendizado, mas também possibilitou uma reflexão crítica sobre as formas de comunicação, sublinhando a importância da variação linguística no processo educacional.

Os resultados obtidos ao longo da pesquisa ressaltam a importância do tema no contexto escolar, demonstrando que a variação linguística deve ser vista não como um obstáculo, mas como uma oportunidade para expandir o horizonte de aprendizado. Os alunos mostraram-se participativos e engajados, refletindo um crescente interesse pelas discussões que envolviam suas experiências e expressões. A construção de um ambiente de aprendizado colaborativo, no qual as diferentes vozes são respeitadas e valorizadas, é essencial para o desenvolvimento de uma educação inclusiva. Portanto, a pesquisa não apenas contribui para a compreensão das práticas pedagógicas, mas também reforça a necessidade de uma abordagem que reflita a diversidade linguística como um ativo valioso no processo de ensino-aprendizagem.

A conclusão deste trabalho evidencia a relevância da variação linguística no contexto educacional, sublinhando a necessidade de reconhecer e valorizar as distintas formas de expressão da Língua Portuguesa. Ao longo da pesquisa, foi possível constatar que a abordagem didática adotada permitiu aos alunos não apenas compreender a complexidade da língua, mas também desenvolver uma consciência crítica em relação ao preconceito linguístico. Os resultados demonstraram que, ao integrar temas da realidade cotidiana dos estudantes, foi possível aumentar o engajamento e a participação nas aulas, criando um ambiente mais inclusivo e colaborativo. Assim, o reconhecimento da diversidade linguística emerge como um elemento central na formação de uma identidade social mais justa e equitativa.

Ademais, a análise das metodologias aplicadas revelou que a combinação de atividades teóricas e práticas, aliada à autoavaliação e reflexões críticas, foi fundamental para promover um aprendizado significativo. Os alunos mostraram-se mais dispostos a discutir e problematizar temas relevantes, refletindo sobre suas próprias vivências e experiências com a língua. A proposta de uma educação que valorize as variações linguísticas não apenas enriquece o processo de ensino-aprendizagem, mas também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes de suas identidades culturais. Dessa forma, a implementação de estratégias que considerem a diversidade linguística e as realidades sociais dos alunos é essencial para promover um ambiente educacional mais acolhedor e inclusivo, permitindo que cada estudante se sinta valorizado e respeitado em sua singularidade.

**REFERÊNCIAS:**

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BORTONI, Ricardo, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** 1. ed. São Paulo: 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF;1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>> Acesso em 31 de agosto 2024.
- CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Editorial Caminho, AS, Lisboa - 2006.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística I. objeto teóricos**. São Paulo: Editora contexto,2010.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 6. ed. São Paulo: editora ática, 1998.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: editora ática,2002.
- GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas? *In: Como elaborar projetos de pesquisa*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOCH, Ingedore. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MATTOS, Paulo Vitor. **Do latim ao brasileiro: panorama evolutivo da língua portuguesa**. 2016. Silva UERJ.
- MILANI, Sebastião Elias. **Relato da obra de Ferdinand de Saussure**. 1. ed. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2016. p. 108.
- PAUL TEYSSIER, Henri. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha: Editora Martins Fontes, 1982.
- POSSENTI, Sírio. **Língua na mídia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- RAMOS ET AL. **Coleção viver e aprender: por uma vida melhor**. São Paulo: Editora global, 2011. p. 11-27.
- RAMOS, Maria Ana. **O cancioneiro da ajuda: confecção e escrita**. Volume 1. Dissertação (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Universidade [se nome da universidade, se necessário]. Orientador: Professor Doutor Ivo Castro. Lisboa, 2008.

RODRIGUES, Fernando Ozorio. **As cantigas de Santa Maria de Afonso X: curso em 10 lições**. 1. ed. Niterói (RJ): Parthenon Centro de Arte e Cultura, 2022.

SAMU, Leonardo. **Antônio Vieira e o léxico cristão: perspectivas descritivas na história da língua portuguesa**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, Rio de Janeiro, 2015.

SHORTALL, Terry. **Seguindo Saussure: Delineando a Forma e a Substância da Langue e da Parole**. In: II Congresso Internacional de Linguística e Filologia e XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 2006.

## **ANEXOS**

Anexo 1 sequência didática.

## **PLANO DE AULA**

COMPONENTE: LÍNGUA PORTUGUESA

ANO: 6º ANO

UNIDADE TEMÁTICA: Oralidade; Produção.

OBJETO DE CONHECIMENTO: Preconceito Linguístico e Variação Linguística.

COMPETÊNCIAS GERAIS: 1. Conhecimento. 2. Pensamento científico, crítico e criativo  
4. Comunicação. 7. Argumentação 9. Empatia e cooperação.

CAMPO DE ATUAÇÃO: Todos os campos de atuação.

EIXO: Análise linguística/Semiótica.

HABILIDADE: EF69LP55 – Reconhecer as variedades da língua falada o conceito de norma padrão e do preconceito linguístico.

TEMPO/DURAÇÃO: Duas aulas.

### **OBJETIVOS**

#### **3.1 Geral**

Analisar de que forma, o conceito de variação linguística é essencial para entender como a língua se adapta e se transforma de acordo com diferentes contextos e modalidades de uso.

#### **3.2 Específicos**

- Introduzir os conceitos de preconceito linguístico e variação linguística.
- Sensibilizar os alunos para a diversidade linguística e cultural.
- Promover reflexão sobre a importância de respeitar todas as formas de linguagem.

### **METODOLOGIA**

Ao iniciar a aula, as estagiárias cumprimentam os alunos, e então introduz o tema principal do dia: preconceito linguístico e variação linguística. Para instigar a curiosidade dos alunos desde o início, será feito algumas perguntas provocativas, como: “Vocês já ouviram falar

sobre preconceito na linguagem?”. Essa pergunta serve como um gancho para despertar o interesse dos alunos e prepará-los para o que será abordado. Em seguida, será explicado brevemente o objetivo da aula, destacando a importância de entendermos e respeitarmos as diferentes formas de linguagem. Além disso pode-se enfatizar que cada pessoa tem sua maneira única de se expressar verbalmente e que é essencial valorizarmos essa diversidade linguística. Essa explicação inicial ajuda a contextualizar o tema e a criar uma atmosfera de aprendizado e reflexão na sala de aula. Após introduzir o tema principal da aula sobre preconceito linguístico e variação linguística, as professoras agora aprofundam o entendimento desses conceitos. Elas definem o preconceito linguístico como a discriminação de determinadas formas de linguagem, consideradas “erradas” ou “inferiores” pela sociedade. Isso ajuda os alunos a compreenderem a natureza do preconceito linguístico e como ele pode afetar negativamente as pessoas.

Em seguida, as estagiárias explicam que a variação linguística se refere, à diversidade de formas de falar em uma mesma língua, influenciada por diversos fatores como região geográfica, contexto social e histórico, idade, entre outros. Essa explicação amplia o entendimento dos alunos sobre a variedade linguística existente e como ela é natural e enriquecedora para a língua. Essa parte da aula contribui para a conscientização dos alunos sobre a importância de respeitar e valorizar as diferentes formas de linguagem, além de promover a reflexão sobre os estereótipos e preconceitos linguísticos presentes na sociedade. A atmosfera de aprendizado e reflexão criada desde o início da aula continua presente, incentivando os alunos a participarem ativamente das discussões e atividades propostas. Nessa próxima parte da aula sobre preconceito linguístico e variação linguística, as professoras iniciam uma discussão em sala de aula para aprofundar o entendimento dos alunos sobre o tema. Elas utilizam perguntas provocativas para estimular a reflexão e a participação ativa dos estudantes, como:

- Vocês já se sentiram julgados por causa da forma como falam?
- Vocês acham que é correto julgar alguém pela maneira como se expressa verbalmente?
- O que vocês acham que influencia a forma como as pessoas falam?



Essas perguntas têm o objetivo de promover a reflexão crítica dos alunos sobre suas próprias experiências e percepções em relação ao preconceito linguístico e à diversidade linguística. A discussão em grupo permite que os estudantes compartilhem suas opiniões, debatam ideias e ampliem sua compreensão sobre como os estereótipos e julgamentos linguísticos afetam as pessoas em diferentes contextos sociais e culturais. Essa atividade também estimula o desenvolvimento das habilidades de comunicação oral, argumentação e respeito às diferentes perspectivas, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos em relação às questões linguísticas e sociais. Para contemplar todo o assunto abordado em sala de aula as estagiárias propuseram uma pequena atividade que será realizada da seguinte forma: os alunos serão divididos em grupos de 4 a 5 integrantes e cada grupo ficará uma situação, cada uma dessas situações será analisada e discutida pelos alunos. Essas situações incluem exemplos como:

- 1- Situação: Durante uma apresentação oral na escola, um aluno usa uma linguagem informal, com gírias e expressões populares. Alguns colegas riem e comentam que ele não está falando “direito”.
- 2- Situação: Em uma conversa entre amigos, um deles se expressa usando palavras e frases em uma língua estrangeira que está aprendendo. Outros colegas zombam dele e dizem que ele deveria falar apenas em português.
- 3- Situação: Durante uma reunião de trabalho, um colaborador com sotaque diferente do local é interrompido várias vezes e seus colegas fazem piadas sobre sua forma de falar.
- 4- Situação: Uma pessoa mais velha é criticada por usar termos e expressões consideradas “antigas” por uma pessoa mais jovem, que acha isso “brega” ou “fora de moda”.
- 5- Situação: Um aluno de uma região rural é alvo de piadas e comentários pejorativos por usar expressões típicas de sua comunidade, que são consideradas “caipiras” por seus colegas urbanos.
- 6- Situação: Durante uma entrevista de emprego, um candidato é desqualificado por falar com sotaque ou utilizar uma variedade linguística não padrão, mesmo tendo todas as qualificações necessárias para a vaga.

7. Situação: Em um grupo de amigos, uma pessoa é elogiada por falar “certo” e “chique”, enquanto outra é criticada por falar “errado” e “feio”, mesmo que ambos estejam comunicando as mesmas ideias de forma clara.

8. Situação: Um grupo de amigos se diverte ao ouvir alguém falar de forma “engraçada”, sem se importar com os sentimentos da pessoa.

Essas situações devem ser discutidas em grupos para que os alunos identifiquem o preconceito linguístico presente nelas e reflitam sobre os impactos negativos desses julgamentos na comunicação e convivência social, além disso os alunos terão que debater juntos para responder essas 3 questões:

Como vocês acham que os personagens se sentiram ao serem julgados pela forma como falam?

O que vocês fariam para mudar essa situação?

Como a variação linguística pode ser vista de forma positiva na comunicação?

Depois de responder as questões cada grupo irá apresentar para o restante da turma a situação que ele ficou e compartilhar as suas respostas para o restante da turma.

#### RECURSOS DIDÁTICOS:

- Quadro branco;
- Pincel apagador;
- Folhas de ofício;
- Livro didático;
- Trabalho em equipe.